



COM APPROVAÇÃO DA AUCTORIDADE ECCLESIASTICA

Porto, 1 de Agosto de 1914

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

ASSISTENTE ECCLESIASTICO

Dr. Ferreira Pinto

PROPRIEDADE DA COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA



PREÇO

Numero avulso.	150 reis
Por assignatura	
seis mezes.	750 »
um anno	18500 »

Todos os pedidos devem ser dirigidos á COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
(SECÇÃO RELIGIOSA) Rua da Fabrica, 13 — PORTO

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Bento Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Pellico, Mons. Domingues Mârix, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, Dr. Crispiniano da Costa, Conego Dr. Antonio Bernardo da Silva, Dr. Antonio de Carvalho e Dr. Arthur Bivar, Dr. Cunha Barbosa, Dr. Leite de Faria, D. Francisco d'Almeida, Zuzarte de Mendonça, Padre João Adelino Monteiro Vacondes, Dr. Cunha e Costa, etc.

Historia da Igreja em Portugal

— POR —

Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu de Coimbra, Socio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos

Volumes publicados

Tomo I — Desde as origens do christianismo na peninsula até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II** — Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1415-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1701-1810). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157, R. da Sophia
= COIMBRA, =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

EXPEDIENTE

São prevenidos, por este meio, os nossos estimados assignantes de que vamos enviar para o correio os recibos de suas assignaturas, esperando que os não deixem devolver sem fazer o respectivo pagamento.

Aos que directamente nos têm enviado os seus debitos o nosso agradecimento.

A DIRECÇÃO.

e selecto auditorio com elevação, com brilho e com delicadeza, d'esse grande homem e grande christão que foi Luiz Veuillot.

Não me deterei a fazer a critica da obra d'esse eminente mestre da prosa clara e precisa, no seculo XIX. Esse trabalho está feito e por mão de mestres como Jules Lemâitre, Lecigne, Tavernier, Dimier, Bellssart, etc. Em 1894 Jules Lemâitre, nos *Contemporaneos* celebrava com enthusiasmo mesmo, a obra litteraria — mais de cincoenta volumes — do maravilhoso jornalista, o maior do seu tempo.

O eminente critico considera Veuillot como um escriptor de

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1475-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1770-1910). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photogravuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157, R. da Sophia
= COIMBRA, =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE AGOSTO DE 1914

N.º 8

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso
Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Corejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO
Typ. Teixeira — Mario Antunes Leitão
Rua da Cancellia Velha, 70

Lições d'um Centenario

Um dia Mgr. Touchet, bispo d'Orléans, meio paralytico por effeito d'uma congestão cerebral, que lhe punha em risco eminente a preciosa vida, invocava *Jeanne d'Arc*, a cuja causa promettia consagrar-se devotamente.

E a milagrosa libertadora de França, já quando a sciencia humana desesperava da salvação do illustre prelado, ouviu as suas preces; e não só lhe restituiu integralmente a saude do corpo, como lhe apurou o ingenho e a eloquencia, de forma a torna-lo o primeiro orador sagrado do seu paiz.

Foi essa a voz maravilhosa que ha poucos mezes ainda, em Montmarte, me commovia profundamente, fallando a um immenso e selecto auditorio com elevação, com brilho e com delicadeza, d'esse grande homem e grande christão que foi Luiz Veuillot.

Não me deterei a fazer a critica da obra d'esse eminente mestre da prosa clara e precisa, no seculo XIX. Esse trabalho está feito e por mão de mestres como Jules Lemâitre, Lecigne, Tavernier, Dimier, Bellssart, etc. Em 1894 Jules Lemâitre, nos *Contemporaneos* celebrava com enthusiasmo mesmo, a obra litteraria — mais de cincoenta volumes — do maravilhoso jornalista, o maior do seu tempo.

O eminente critico considera Veuillot como um escriptor de

primeira plana, não só pela importancia das ideias que exprimiu, como pela perfeição da forma.

Entre os escriptores que contam — escreve — parece-me aquelle que está melhor na tradição da lingua; um dos mais livres e pessoaes.

Outras homenagens se renovam, vindas de todos os campos, para se juntarem ás que em 1861 com tanto brilho como justiça, escrevia Sainte Beuve. Apenas poderei dizer-vos de passagem que os seus *Mélanges*, vinte e dois volumes de polemica quotidiana, são modelares. Os principaes pontos debatidos são: o liberalismo, a luta pela liberdade de ensino; o direito dos catholicos a manifestar e a fazer respeitar a sua fé; a verdade da religião; a defeza do poder temporal; a infallibilidade e o supremo magisterio exercido pelo Papa.

Nem um dia deu tréguas aos seus inimigos, que eram afinal os da Igreja, fosse qual fosse o nome sob que se occultassem. Tudo subordinava á victoria de Deus. Foi violento, foi ardente, mas nunca deixou de ser justo e os seus odios nunca attingiram as pessoas. As suas coleras foram sempre santas.

A sua soberana intransigencia não era com os homens; era com o erro. Com este era implacavel e as suas palavras sabiam vivas e fortes como a sua fé. Nunca foi vencido; e era invencivel porque tinha sempre por si, na phrase exacta de Cousin, o Papa e a grammatica.

No meio das luctas doutrinaes, apparecem incidentes e acontecimentos que ficaram fixados, definitivamente gravados pelo admiravel soldado de Christo. Não raro surgem personagens, cujo retrato era traçado com aquella perfeição de que só Veillot possuía o segredo. A sua galeria de retratos é immortal. Como elle executou, com justiça e com grandeza homens como Thiérs, Gérard, Sue, Hugo e o proprio Lamartine.

Mas contra as suas victimas nunca usou senão dos mais leaes processos e o motivo do ataque era sempre qualquer coisa que o offendia na sua fé, no seu amor pela Igreja.

Como sinto não poder senão citar-vos a sua «Correspondencia» cuja leitura maravilhou a todos.

É preciso lê-la para conhecer bem Veillot: e conhece-lo é ama-lo. Ella dá-nos a medida exacta da bondade, da delicadeza e da affectividade d'esse rude luctador. Não ha duvida «ses haines

les plus féroces ne sont que l'envers de l'amour ». Lembrar « Les pèlerinages en Suisse », « Rome et Lorette » e « Les parfums de Rome » é indicar obras primas, sobre as quaes parece não ter passado o tempo. Entre os seus contos, quadros ou scenas da vida catholica, não resisto a destacar a historia tão simples e emotiva do seu casamento, « a maravilha das maravilhas » como dizia Lemâitre e a « Chambre Nuptiale »: nunca Veuillot escreveu nada mais pungente do que as cinco ou seis paginas d'esta pequenina joia.

Veuillot foi tambem poeta, um conversador admiravel, um homem de espirito, cujos ditos e anedoctas formariam um interessante livrinho.

Mas é sobretudo na licção que se tira da celebração do seu centenário que desejo insistir. Poucas commemorações centenárias reuniram tantos suffragios, despertaram tantos enthusiasmos, tiveram maior reprehensão, sobre tudo nos meios intellectuaes e academicos. Qual a razão? Porque se tratava de um catholico representativo, d'um catholico desassombrado, cujo maior titulo de gloria foi sempre na phrase do seu bellissimo testamento « ter tido a honra ou pelo menos a vontade de ser catholico e obediente ás leis da Igreja », catholico integral sem opportunismos que enfraquecem; nem transigencias que rebaixam. E á intelligencia moderna não se impõem senão, n'esta hora de criminosos *accomodements*, as fortes, sinceras e intensas convicções: ella exige que se abandone o perigoso jogo de equilibrio, para se tomar uma posição definida na lucta decisiva que se trava no mundo moderno.

Celebrava-se um combativo, um homem que não conheceu nem o repouso nem o desanimo na lucta, e a quem nem mesmo os ataques dos seus irmãos em crenças fizeram esmorecer; que durante meio seculo projectou sobre acontecimentos, que se succederam no mundo, a pura luz da doutrina catholica e proseguiu sem tréguas nem compaixão, não só o erro que se manifesta á luz do sol, como tambem o que se esconde hypocritamente na sombra. E a intelligencia moderna abandonou os devaneios e utopias para se tornar realista, para realizar uma utilidade social, para se dar uma applicação de caracter educativo, de direcção espirital e moral da vida, intensa e segura.

Commemorava-se um homem que defendia a ordem, a disciplina, a auctoridade, a hierarchia, tudo isso que reclamam os espiritos modernos, alarmados pela anarchia moral e intellectual

que invade a sociedade moderna e de que morrerá, segundo Comte, se não se lhe dêr aquillo a que elle chama um « poder espiri- tual ».

Todos os que estudam estes problemas, concordam em que a Egreja é a unica de todas as sociedades de civilisação adeantada que possui esta condição essencial da vida e duração a que Comte chama, repetimos « poder espiri- tual ». Este poder, nenhuma po- tencia humana poderá destruil-o, porque não é de leis escriptas e ephemeras que elle resulta, mas da livre adhesão das intelligencias, das vontades e dos corações. É ahi que impéra a auctoridade da Egreja, essa auctoridade que só, entre todas as do Universo, guarda hoje e salvaguarda na sua integridade, todos os principios sociaes que fizeram o mundo moderno. Não são só os catholicos que assim pensam ; muitos outros se voltam para ella e a acceitam como verdade social, antes de a acceitarem como verdade reli- giosa. É d'este numero Maurras, para cujo ultimo livro a « Acção franceza e a Religião catholica », que termina por uma encanta- dora carta a Pio X, chamarei em breve a attenção dos meus que- ridos e distantes leitores.

Prestava-se homenagem a um homem que mostrava possuir a verdade, cujos direitos imprescriptiveis defendeu, por vezes heroicamente. E a intelligencia moderna, cançada, desgostosa da duvida, da negação esteril e dos vãos desejos, quer a verdade, procura a fé, rende-lhe o culto, como louvores não regateia aos homens da verdade como Veuillot.

Em nome d'ella, esse « jesuita », esse « beato », passou a vida a combater hypocrisias e tyrannias e ninguem tão frequente e energicamente falla em nome da liberdade.

Arrancou muitas mascaras que, sem duvida, de novo foram afiveladas, mas não ficaram seguras.

Muitas das suas justas invectivas são retomadas hoje por homens muito affastados d'elle pela sua fé. Contra o regimen da centralisação à *outrance*, sahido da Revolução e do Imperio, contra o espirito jacobino, a tyrannia do Estado, a burocracia, as *chinezices* administrativas, e contra o que ha no individualismo moderno de funesto á propria democracia, a sua obra abunda em ataques formidaveis, em criticas magistraes e em sarcasmos d'uma clarividencia quasi genial.

Póde dizer-se que Veuillot espalhou nos seus artigos e pam-

phletos a maior parte das coisas que Taine devia coordenar n'um corpo de doutrina, nos ultimos volumes das suas « Origens da França contemporanea ».

O projecto de constituição por elle elaborado durante o cêrco de Paris contra a solução jacobina e napoleonica, é esplendido. Nenhuma constituição póde ser mais respeitadora da dignidade humana, nem ao mesmo tempo mais favoravel aõ desenvolvimento da « iniciativa humana » e da vida em commum, nem mais bem feita para preparar a solução pacifica e gradual da questão social. Estou certo de que ahi está a salvação.

Estas palavras são de Lemâitre, um dos maiores nomes do moderno pensamento francez.

A França, com excepção dos sectarios e deshonestos, está certa de que a sua salvação está na porção de nacionalismo e catholicismo que o regimen possa assimilar; assim escreve o parisiense, o mundano, o irreverente Capus, n'uma das suas *Chronicas* do « Figaro ».

E Veillot é um dos escriptores que melhor representa essa ideia: é um dos que mais eloquentemente a defendem e que mais desassombadamente marcou o caminho salvador. É, por assim dizer, um preeursor.

Por todas essas razões, que são ao mesmo tempo optimas lições para nós, o centenario de Veillot foi um sensacional e festadissimo acontecimento.

Mas a significação das festas centenarias de Veillot, que provocou piedosas romagens, festividades solemnes, a publicação de muitos volumes e centenas de artigos, é ainda mais extraordinaria, se olharmos para o que hoje se passa com os inimigos da Igreja, os corypheus da Revolução.

É symptomatico e edificante o que aconteceu com a estatua de Zola, que se perdeu no meio da indiferença geral e que, re-encontrada, não encontra rua, praça ou square que a deseje.

O sujo auctor da *Terre* tornou-se um *indesejavel*, como hoje se diz. A gloria d'este illuminador obsceno, obscureceu-se extraordinariamente n'estes ultimos tempos.

Á medida que a consciencia se rehabilita, renasce, ella despreza a obra immoral e nefasta de Zola, e a sua estatua, grito de guerra infeliz, estava esquecida antes de se ter perdido. Até os seus partidarios, já é a medo que defendem a sua consagração,

tanto e tão ostensivamente repugna á consciencia publica um homem que offendeu os sentimentos nacionaes, que defendeu a traição e a *judiaria* insolente, que lisongeou as mais abjectas paixões, que se comprazia na lama, que nos paganisa e rebaixa, a cuja obra socialmente perigosa falta aquella elevação, aquella porção de ideal, o sentido superior da vida que asseguram a perpetuidade ás creações do espirito humano.

Não é menos significativo o que aconteceu com o centenario de Diderot. Os fran-mações e sectarios da demagogia queriam que a festa revestisse um character official, que a França de S. Luiz e Jeanne d'Arc glorificasse o espirito que justificava o incesto. A proposta apresentada pela Camara alta ia entrar em execução, quando a voz eloquente de Barrés oppoz, em nome da consciencia nacional, um veto definitivo á commemoração d'esse verdadeiro attentado contra o senso commum, a decencia e a moralidade.

O grande escriptor da *Colline Inspirée* fez ver a indignação que na opinião publica podia despertar a consagração d'um homem que não fez mais do que divulgar perigosas theorias, excitar paixões ruins, que foi um dos mais sujos conspiradores da Encyclopedia, que defendeu o incesto, que atacou o principio da auctoridade, que inventou a infame phrase: é preciso enforcar o ultimo rei com as tripas do ultimo frade.

Com o extracto das suas obras, podia fazer-se o breviario dos anarchistas. Com a sua glorificação mais perderia o Estado que a Egreja, como notava já Taine. Os poderes publicos recuaram e a festa do pornographico auctor de *La Roliquese* teve um character particular e restrictissimo. N'ella tomou parte o ministro Barthou que, chamado a fazer o panegyrico de Diderot, teve vergonha de se solidarisar com as suas aberrações e teve de dizer que reprovava a sua doutrina como philosopho que, negando a responsabilidade, supprimia a moral, e proclamando o individualismo extremo, levava á anarchia.

Nós, os catholicos, quando temos de celebrar os nossos santos e heroes, não precisamos de fazer restricções nem reservas e com satisfação constatamos que a sua obra é sempre bella e perduravel, porque é inspirada por aquellas verdades eternas que são, ao mesmo tempo o unico fundamento sólido de toda a vida, tanto individual como social.

Como não ha-de causar entusiasmo o heroe que, certo de que a publicação no seu jornal da encyclica *Nullis certe*, que repellia os conselhos, do « poderoso imperador dos francezes » era a morte d'esse « *Univers* », a quem estimava como á missão que Deus lhe destinára, não hesitou, e no dia seguinte recebia a ordem de suspensão, que se prolongou por sete longuissimos annos. O valeroso soldado deixou-se ferir sob as suas armas, sem uma incerteza, para obedecer, amando, servindo. Era cruel. Foi admiravel! Honremos a sua memoria!

No mesmo dia em que se celebrava o centenario de Diderot, commemorava-se o de Pasteur, o maior genio scientifico dos nossos tempos, que affirmava que quanto mais estudava, mais a sua fé augmentava, e que dorme o somno eterno na crypta do seu *Instituto* á sombra da Cruz, cercado pelas homenagens dos sabios e dos intellectuaes e pelas benções dos que o seu genio salvou da morte.

Todos poderam, sem uma reserva curvar-se perante o seu tumulo e ao mesmo tempo que exaltaram o seu genio, poderam fallar da sua bondade, cujo perfume se não extingue. Pasteur, como Veillot, passou fazendo bem, embora n'uma esphera de acção muito differente.

Como esquecer a sua recepção na Academia, em que o grande chimico falla de Deus em termos que impressionaram não só o seu auditorio christão, mas os intellectuaes votados ás soluções materialistas.

O nome de Pasteur irradiava então de tal forma, que a sua profissão de fé teve uma espantosa repercussão no mundo inteiro.

Fallei-vos da Academia. Que bello espectaculo ha pouco ainda se presenciou sob a cupula do Palacio Mazarino. Ahi se notaram tres coisas dignas de reflexão: primeiramente todos os premios grandes, além de muitos dos mais pequenos, foram distribuidos a catholicos que, n'uma nobre e santa lide, triumpharam dos impios na sciencia e na virtude: em segundo logar esses premios foram concedidos por unanimidade: em terceiro logar os dois oradores encarregados de fallar em nome do primeiro centro intellectual da França aproveitaram a occasião para se elevarem do particular ao geral, com tanta nobreza de pensamento como de linguagem, tiraram a logica consequencia que do facto seprehende e que entra

pelos olhos dos que os não cerram obstinadamente, isto é: que os laureados eram todos catholicos, porque o catholicismo é fonte perenne de bondade e verdade e o que bebe as suas aguas póde afrontar a lucta, certo da victoria. Lamy e Bazin deram uma bella licção de patriotismo, amôr civico, culto de verdade e desasombro.

O primeiro, fallando principalmente como sociologo e philosopho, definiu com inexcedivel maestria, a proposito da obra do Abbé Sicard, que obteve o maior dos premios, o premio Gabert, a missão regeneradora do catholicismo, sua força insubstituivel como factor da constituição sólida das sociedades e a falta irreparavel, mesmo debaixo do ponto de vista humano, que commettem os povos que abandonam e os governos que o perseguem.

René Bazin, remontando-se a espheras mais altas, prostrou-se em attitude reverente deante do Deus dos catholicos, fóco inextinguivel de luz e calor para o genero humano, e fez acclamar por uma triplice salva de applausos da assembleia encantada, Nosso Senhor Jesus Christo.

A tudo isto é forçoso accrescentar o successo ultimamente alcançado pelos livros, *La Chrétienne* de Madame Adam, *Saint-Augustin* de L. Bertrand e *Le Père* de Georges de Valois.

La Chrétienne é a ultima produção da illustre escriptora, que ha annos publicou *La Puienne*. Só estes dois titulos marcam bem a profunda mudança que se operou á luz da meditação e dos acontecimentos na grande e escrupulosa consciencia da illustre patriota e na sua concepção do divino.

Regressada ao catholicismo de seus paes, depois de uma grande lucta interior, a auctora da *Chrétienne* fixou as suas *études* de maneira poetica e magistral, sob a fórma de uma ficção romanesca, onde não raro se adivinha a auto-biographia. É um encantador acto de fé, que nos lembra Chateaubriand.

L. Bertrand viveu longa e intensamente com Santo Agostinho e trouxe d'esse encantador commercio um bello livro, rico de substancia e cheio de vida.

Não vejo, como Roz, o que lhe falta para ser uma obra prima. Acaba tambem por uma esplendida profissão de fé. « Seja qual fôr o valor d'esse escripto concebido e realisado n'um espirito de veneração e amor pelo Santo, pelo grande coração e pela grande intelligencia que foi Agostinho, por esse typo unico de

christão, talvez o mais completo e admiravel que tem havido — o auctor não pôde senão repetir, com toda a humildade, o que ha 1:500 annos dizia o bispo de Guelma, seu primeiro biographo: «Pedi por mim e commigo afim de que me esforce por seguir n'este mundo o exemplo d'este homem incomparavel, com quem Deus permittiu que eu vivesse tanto tempo».

Profissional da psychologia, Bertrand applica-se sobre tudo a *estudar a alma de Santo Agostinho*. Serve-se principalmente das *Confissões*, documento capital para o psychologo, e de todas as outras obras de Santo Agostinho não aproveita senão as partes em que palpita a sua alma ardente, de preferencia as que são vivas para os homens de hoje e que conteem ensinamentos ou maneiras de sentir, sempre capazes de nos commover. «*Le Père*», onde Valois apresenta uma philosophia da familia, é o drama eterno da paternidade e é tambem um verdadeiro tratado das paixões, destinado sómente aos espiritos amadurecidos pela reflexão e pela experiencia. Em sete contos que o auctor chama *Victoires*, em que o movimento da vida expresso por um poderoso lyrismo é sustentado pela analyse psychologica e moral, Valois mostra-nos as paixões assaltando o coração do homem, impellindo-o para todas as fórmas da anarchia, mas restituindo-lhe a familia, a patria e a salvação eterna, desde que são contidas, dirigidas e utilizadas para Deus.

A obra de Valois é um esforço de synthese consideravel n'um magnifico desenho; ella marcará uma data importante n'este movimento, na qual a intelligencia franceza encontra, ao mesmo tempo que os principios da verdade politica, a disciplina das paixões que elle recebeu do Evangelho e que Roma lhe *ensina*.

Para terminar, deixae que me refira a um livro apparecido por occasião do centenario de Diderot: a vida de seu irmão, um modesto e virtuoso sacerdote.

Nunca se viram irmãos tão differentes.

O primeiro é a imaginação desordenada; o segundo a razão e o equilibrio. N'aquelle, a corrupção com todos os seus desvarios e audacias; n'este, a virtude revestida da maior modestia e singeleza.

O Encyclopedista fez um trabalho de demolidor; o homem da Igreja foi um grande constructor de escolas. Um declama e amotina o povo, a quem tira a força e as consolações da fé; o

outro, pae dos pobres, dá-lhes o pão do espirito e do corpo. O ultimo termo da obra do philosopho é a anarchia.

A obra do padre é obra de salvação. Qual dos dois é maior? Creio que ninguem de bom senso hesitaria na resposta.

ALBERTO PINHEIRO TORRES,
Advogado e antigo deputado.

A religião catholica e a Reorganisação da patria

Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores, minhas senhoras e meus senhores:

É a primeira vez que tenho a honra de fallar perante representantes do illustre episcopado portuguez.

E agora, perante as venerandas figuras dos prelados aqui presentes e a quem saúdo do mais intimo da minha alma, sinto-me profundamente confundido por ter accitado o honrosissimo convite de aqui vir.

Porém foi tal a gentileza, a fidalguia com que aqui fui recebido o anno passado que a gratidão impunha-me o dever de o accitar. Eis a razão porque aqui estou hoje e sirva ella de desculpa á minha insufficiencia.

Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores, minhas senhoras e meus senhores:

Eu não venho aqui fazer um discurso, pela simples razão de que não nasci para fazer discursos, nem fui educado para isso.

O discurso, como toda a obra em que predomina a arte, é todo feito de linhas onduladas, imprecisas, maleaveis ao modo de ser de cada ouvinte. D'ahi o seu encanto.

Eu, pelo contrario, estou habituado ás ideias claras, precisas, sempre em linha recta e ás quais o ouvinte nada pode tirar nem pôr sem tudo alterar.

N'estas condições não poderei *prender* por muito tempo e por isso serei muito breve.

Principiarei por considerar tres periodos na evolução d'uma sociedade; em seguida caracterisarei cada um d'esses periodos; direi depois qual o mechanismo da passagem d'uns para os outros. D'ahi tirarei os principios precisos para mostrar que só uma eferescencia religiosa poderá inaugurar uma nova era de prosperidade para o nosso paiz.

*

Eu não começarei, porém, senhoras minhas, sem vos saudar.

Fazel-lo, seria deixar de cumprir um gratissimo dever que a tradição dos novos ha muito consagrou em homenagem á virtude, á graça e á belleza.

Mas hoje, eu não saudarei sómente em vós, senhoras minhas, a encarnação de todas as graças, o escriptorio de todas as virtudes, a materialisação de todas as perfeições. Acima de tudo, eu saudarei em vós, senhoras minhas, as muito nobres, muito leaes e muito valorosas companheiras de combate.

É em vós, minhas senhoras, que os novos, os novos que ainda teem uma viva esperanza no resurgimento da sua Patria, os novos que ainda teem nobreza para amar um ideal e estoicismo para arriscar por elle as suas vidas e as suas posições, é em vós senhoras que esses novos põem toda a sua esperanza.

Por isso, senhoras minhas, eu vos saúdo!

*

* * *

Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores, minhas senhoras e meus senhores:

As sociedades humanas, como aliaz todos os seres organizados, passam sempre por tres periodos, na sua evolução natural: o periodo de formação, o periodo de desenvolvimento e o periodo de dissolução.

Durante o periodo da formação, as sociedades humanas acham-se pulverisadas em pequenos grupos muito solidos, mas sem cohesão. O individuo pertence mais ao seu grupo do que a si mesmo e muito mais ainda ao seu grupo do que á sociedade.

A grande virtude dos individuos é a solidariedade, dando a

esta palavra um sentido quasi identico ao que ella hoje tem entre nós.

A lucta pela vida obriga estes grupos a guerras permanentes.

D'ahi a quasi impossibilidade do progresso, porque todas as energias que sobram da conservação individual de cada grupo, são gastas na destruição dos grupos mais fracos.

As sociedades em pleno desenvolvimento, ainda se dividem em grupos. Mas n'ellas, embora o individuo pertença ainda mais ao seu grupo do que a si mesmo, pertence tambem muito mais á sociedade do que ao seu proprio grupo.

A virtude predominante nos individuos é agora o amôr da Patria, dando á palavra *patria* o nobre sentido em que a toma o povo inglês.

As luctas de grupo com grupo existem ainda.

Mas agora já não é a lei da força que decide da victoria, mas sim a força da lei.

As energias que sobram a cada grupo, já não são desperdiçadas na destruição dos grupos mais fracos. Essas energias são agora orientadas num só sentido: o da grandeza da Patria!

Nas sociedades que entram no periodo de decomposição, o individuo passa a pertencer mais a si mesmo do que ao seu grupo, mais ao seu grupo do que á sua Patria.

O egoismo passa a ser a qualidade predominante.

D'ahi o Direito começar a perder toda a sua força e a Força a readquirir todo o seu direito.

É por isso que nas sociedades em dissolução tudo que se opponha ao livre exercicio da força, é ferozmente perseguido. Os proprios symbolos da lei causam calefrios.

Tudo que possa lembrar a antiga ordem social, é derrubado.

O proprio Estado passa a ser complicada e potente machina posta ao serviço do grupo que d'elle se apodera.

A Lei perde aquelle character fundamental de estabilidade, fixidez e permanencia, causa unica do seu prestígio e do seu valor social.

Em vez d'ella, como muito bem disse o illustre academico Emilio Faguet, surge o decreto, attribulario, passageiro, inconsistente, feito *ad hoc* para servir os interesses do grupo que está de cima.

A desordem estabelece-se em toda a parte: na rua, no lar, na

catedra, na escola, na caserna, na fabrica, e até na consciencia e no caracter dos individuos.

As proprias palavras mudam de sentido e não raro, com grande espanto nosso, deparamos com velhos amigos que nos apparecem a fallar uma linguagem que nos é desconhecida.

Tudo se torna inconsistente, transitorio, passageiro.

Os proprios grupos sociaes, cimentados apenas pelos interesses immediatos dos seus membros, mudam de momento para momento. A vida social passa-se « au jour le jour ». No dia de amanhã, ninguem pensa. E mesmo que pensasse, perdia o tempo, porque nas sociedades em decomposição, os factos são muitas vezes facéis de explicar, mas quasi sempre muito difficeis de prevêr.

Do interesse geral, ninguem cuida. A ideia da Patria dilue-se e abandalha-se.

O proprio caracter individual passa a ser um elemento de fraqueza. Póde mesmo dizer-se que a unica qualidade de utilidade apreciavel, é a falta de caracter.

Tudo se desfaz, tudo se afunda. A propria civilisação é a primeira a offuscar-se.

Só uma coisa sobe e sobe assustadoramente, a barbaria.

*
* *

Taes são os caracteres principaes dos tres periodos em que dividimos a evolução dos povos. Estes periodos succedem-se muito naturalmente uns aos outros. É porisso que « a Historia é um eterno recommear ».

Vejamos agora como se faz a passagem de periodo para periodo.

Principiemos pela passagem do periodo de formação para o periodo de desenvolvimento.

O mechanismo é extremamente simples.

Uma causa estranha á sociedade em questão surge n'um dado momento e dá origem a interesses sufficientemente geraes para abrangerem nas suas malhas a quasi totalidade dos individuos. Legislar de harmonia com esses interesses, é legislar de harmonia com os interesses de todos. E uma lei que serve os interesses de todos, é sempre facil de fazer respeitar.

Se a causa geradora d'esses interesses fôr sufficientemente duradoira para poder durar, a sociedade está definitivamente constituida.

Assim aconteceu, por exemplo, aos arabes. Antes de Mahomet, elles formavam uma poeira de barbaros dessiminados pelo deserto.

Elles viviam em hordas sem lei, sem moral, sem civilisação, sempre em luctas e desordens permanentes.

Surge o Propheta. Conhecedor profundo das aspirações dos irmãos raça, elle prega uma religião que lhes promette a satisfação plena d'essas aspirações na vida d'Alem-Campa.

Todos os arabes se juntam em volta d'essa esperança.

Legislar de harmonia com a sua realisação, era servir os interesses de todos.

D'ahi a possibilidade d'uma lei geral. O Alkoran apparece e com elle a ordem que ainda hoje reina nas populações musulmanas.

Se a causa a que nos referimos não fôr, porém, duradoura, a anarchia voltará de novo.

Assim acontece, por exemplo, quando um paiz anarchisado é invadido por um povo visinho.

Perante o perigo commum todos se veem. O primeiro homem de pulso e audacia toma conta do poder. A ordem surge como por encanto. O inimigo é repellido. O perigo passa. O ditador é derrubado e a anarchia volta. Assim se passaram as coisas em França e assim se estão passando no Mexico.

As causas duradoiras são quasi sempre de ordem religiosa; as causas transitorias quasi sempre de ordem politica. São a obra de santo, e a obra do heroe.

A obra do heroe, passa.

A obra do santo, fica.

* * *

Constituida uma sociedade cimentada por um ideal, ella entra francamente no periodo de desenvolvimento. Durante elle vão-se accumulando capitaes d'ordem moral e d'ordem material. Attingido o desenvolvimento completo, por razões inherentes á propria natureza das coisas, a capitalisação pára.

Mas emquanto os capitaes d'ordem moral, accumulados pelas gerações passadas, se mantiverem intactos, isto é, emquanto que

a alma da raça se mantiver enalterada, os costumes e as tradições serão respeitadas e a Patria continuará a brilhar com todo o seu esplendor.

As riquezas acumuladas serão respeitadas também, a ordem e com ella a civilisação, manter-se-hão.

Logo, porém, que os capitaes d'ordem moral comecem a desgastar-se, logo que a alma nacional comece a definhar-se, o brilho das tradições começará a impallidecer e o oiro acumulado pelas gerações passadas será o unico a brilhar aos olhos das gerações presentes.

A cubiça fará surgir, em breve, revoluções. E cada uma que triumphe dará profundo golpe na riqueza publica, riqueza essa que acumulada pelas gerações passadas só de direito pertence á totalidade das gerações futuras.

E de revolução em revolução, de desperdicio em desperdicio, de latrocinio em latrocinio, as sociedades em decomposição vão apressando o seu fim até entrarem na miseria completa e na barbaria primitiva. E ahi ficarão sepultadas até que o compassivo perpassar de muitos seculos as chame novamente á civilisação e á vida.

Assim se passam as coisas nas sociedades entregues a si mesmas, isto é, nas sociedades em que os homens que *veem* são sufficientemente cobardes para deixarem livre o campo d'acção aos homens que não *veem*.

*

A decadencia, porém, pode ser suspensa em qualquer altura da sua marcha. E tanto mais facilmente quanto mais curto fôr o caminho percorrido.

O principio é sempre o mesmo; tornar possivel uma lei geral, e duradoira pela criação de interesses também geraes e duradoiros. E como os interesses materiaes são, por sua natureza, divergentes e transitorios, só para interesses d'ordem espirital poderão appellar as sociedades. A razão assim o mostra e a historia assim o confirma.

Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores, minhas senhoras e meus senhores :

Ha quasi um seculo que a sociedade portugueza entrou no periodo de dissolução. E tão rapida, tão fulminante ella foi que mais parece que a nossa cara Patria está agonizando, victima d'um crime, de que morrendo ás mãos das inflexiveis leis da natureza.

Parece que mão criminosa lhe injectou nas veias corrosivo veneno que se lhe espalhou por todo o sêr e lhe paralisou todas as energias.

Não ha parte alguma da nossa sociedade que a dissolução não attingisse já. Começou pelas instituições, d'ahi passou aos costumes, á familia e por ultimo attingiu o proprio lar.

Os capitaes d'ordem moral estão todos gastos, alma de raça já não temos.

Os capitaes d'ordem material estão tambem quasi no fim.

Os ultimos restos serão devorados a quando do advento do socialismo.

Depois virá a miseria geral e com ella a barbaria.

Tal será o rumo que seguirão as coisas se as deixarmos entregues a si mesmas.

Mas já ha pouco o dissemos em nome da razão e em nome da Historia: a decadencia pode sêr suspensa em qualquer altura. Nós poderemos tambem suspender a decadencia do nosso paiz.

Para isso precisaremos de iniciar uma nova era de reorganisação moral e material. Teremos de restaurar a alma nacional aproveitando todos os fragmentos que para ahi existem dispersos.

Teremos de reorganisar a riqueza publica á custa do nosso trabalho e da nossa probidade.

Mas para isso é indispensavel a Ordem.

E para que possa haver Ordem, é preciso que haja Lei respeitada por todos.

E para que uma lei gose do respeito de todos é preciso que ella sirva o interesse de todos.

A creação d'um interesse commum é pois o grande problema. Necessario se torna, pois, para a reorganisação do nosso paiz: 1.º o apparecimento d'uma causa geradora de interesses sufficientemente

geraes para que digam respeito á quasi totalidade dos cidadãos portuguezes; 2.º que essa causa seja duradoira; 3.º que os interesses que ella crie sejam sufficientemente vivos para que possam dar ao grupo que ellas cimentam uma cohesão perfeita.

Essa causa, meus senhores, não é preciso crea-la. Ella existe já. Ella reside unica e simplesmente na unidade religiosa que providencialmente se conserva ainda na nossa Patria.

Com effeito, a Religião Catholica é abraçada pela quasi totalidade dos portuguezes. E a grande maioria d'aquelles mesmos que a não abraçam, não teriam relutancia alguma em ser governados por leis baseadas nos seus principios sublimes.

Está satisfeita, pois, a primeira condição.

A' segunda condição, a de estabilidade e duração, tambem a religião catholica satisfaz.

Para o provar, basta dizer que a sua historia gloriosa se confunde com a historia de quasi dois mil annos. Dois mil annos de lucta permanente do Bem contra o Mal, da Liberdade contra a Tyrania, da Verdade contra o Erro, do Espirito contra a Materia, da Ordem contra a Anarchia.

Ainda na sua infancia, ella teve de lutar contra a tyrania dos Cesares Romanos que em vão pretendem estrangula-la.

A Egreja lucta, a Egreja resiste e a Egreja vence. E com a victoria da Egreja, obteve a Liberdade o seu primeiro e ultimo triumpho sobre a Terra.

Mal vencida a tyrania dos Cesares, surge a traição da heresia, do erro mascarado de Verdade.

A Egreja lucta pela Verdade, e a Verdade sahe victoriosa.

Surge o Feudalismo e pretende conta-la no numero dos seus servos.

Era o mundo das armas a querer sobrepôr-se ao mundo das ideias.

A Egreja resiste e vence. E mais uma vez o Espirito conseguiu evitar o jugo da Materia.

Ainda cansada da lucta com o feudalismo, surge nova heresia.

A Egreja é retalhada por profundos golpes.

Profundamente ferida, as corôas reaes já então omnipotentes, convidam-na a vir morrer em paz nos degraus dos seus thronos, a troco d'uma liberdade que lhe dizem inutil. A Egreja sorri

da petulancia. E em breve os thronos cahiram desfeitos e a Igreja ficou de pé!

Vem as democracias e pretendem envenena-la com o seu veneno, corrompe-la com a sua corrupção.

A Igreja resiste e a lucta trava-se. É a lucta da ordem contra a desordem, é a lucta da lei contra a anarchia. E não obstante esta lucta permanente da Igreja durante a sua longa existencia de dois mil annos, ella cada vez nos apparece mais alta, mais nobre, mais brilhante.

É que a Igreja é a Verdade.

E a Verdade, amada ou odiada, glorificada ou perseguida, é sempre a Verdade. Por isso a Igreja tem durado, por isso a Igreja ha de durar eternamente.

A Religião Catholica, dá-nos pois, garantias absolutas da sua estabilidade e permanencia.

Nós, os catholicos portuguezes, formamos, pois, um grupo social abrangendo a quasi totalidade dos cidadãos e cuja razão de ser, se baseia n'uma causa á qual dois mil annos de tradições gloriosas dão um penhor seguro de estabilidade perfeita.

Mas, mais. A Patria Portugueza viveu sempre identificada com o nosso grupo social.

Mais ainda, desde que a Patria Portugueza, ou melhor, desde que os representantes officiaes da Patria Portugueza deixaram de se identificar com o nosso grupo social, a Nação entrou em rapida decomposição.

Isto basta para que possamos dizer bem alto que temos o direito de ser governados por leis decalcadas nos principios sublimes da nossa fé.

Mas ter o direito não basta, meus senhores. É preciso não esquecer que nas democracias o direito não valle por si, mas pela força em que se apoia. E terão os catholicos portuguezes a força correspondente ao seu direito? Não tem.

Dizer porquê, seria narrar facto por facto a historia portugueza de ha oitenta annos para cá.

Contentemo-nos, pois, com a constatação do facto.

Nós, os catholicos portuguezes, não temos a parcella de força precisa para fazer vingar o minimo direito. A dura experiencia dos ultimos annos tem-no-lo provado á evidencia.

E por tanto, nós os catholicos portuguezes, não podemos ter

hoje a pretensão de tentar restabelecer a ordem na nossa anarchizada Patria, porque não temos força para impôr a nossa doutrina e os nossos principios.

Não satisfazemos a uma das tres condições necessarias para que o podessemos fazer, embora satisfaçamos admiravelmente ás duas mais importantes. É por isso que, como catholicos, nenhuma responsabilidade temos nas actuaes desgraças da Patria.

Mas poderemos dizer o mesmo das desgraças que de futuro a venham ferir? Não.

A nossa fraqueza de hoje não póde servir de pretexto para cruzarmos os braços.

Se o quizermos, amanhã seremos fortes. Nas democracias só se é fraco quando se não quer ser forte!

Se tivermos a força de vontade precisa para mostrar a esses 5.000:000 de portuguezes que abraçam a religião catholica que, hoje como sempre, os destinos da sua fé se confundem com os destinos da sua Patria, esses 5.000:000 de portuguezes não deixarão de cerrar fileiras em volta dos seus bispos e em volta dos seus parochos.

Nunca os catholicos portuguezes se recusaram a sacrificios de reconhecida utilidade. Nós os rapazes catholicos de Coimbra, conhecemos bem isso por experiencia propria.

A fraqueza dos catholicos portuguezes provém, não da falta de fé ou de espirito de sacrificio, mas da ignorancia profunda das necessidades do momento actual.

Essa ignorancia só póde dissipar-se por meio da propaganda.

Uma propaganda disciplinada, persistente e conscienciosa.

Felizmente que ella surge de todos os lados.

Anarchica ainda, é bem verdade, mas é preciso não esquecer que as coisas começam sempre pelo principio. Antes de disciplinar é preciso recrutar.

A disciplina vem depois do alistamento.

Mas não basta, meus senhores, educar a massa catholica de modo que ella constitua uma força. É preciso orientar essa força nascente de harmonia com o fim que nos propomos.

Esse fim já o dissemos: é, antes de tudo, o restabelecimento integral da ordem na nossa sociedade.

Para o attingir já vimos que só havia um meio: restaurar

em Christo a Patria Portugueza. É o luminoso lema de sua Santidade applicado á nossa querida Patria.

E como o vagaroso roçar d'um longo periodo de dissolvença nacional habituou os catholicos portuguezes a verem as coisas por um prisma a que os factos nos auctorizam a denominar de falso, eu não terminarei sem dizer que a primeira applicação pratica do lema de Sua Santidade consiste em dotar o nosso paiz com uma constituição profundamente christã.

D'ahi deveres dos catholicos perante as coisas publicas.

É preciso que nos convençamos de que todo o catholico que limita a sua acção religiosa ao cuidado exclusivo da sua alma, é um catholico egoista que não trata senão de si.

O catholico está sujeito a outros deveres, secundarios debaixo do ponto de vista individual, mas primarios debaixo do ponto de vista collectivo.

O esquecimento d'esses deveres acarretou, no seculo passado, as mais acerbas desgraças.

Só ellas puderam fazer conhecer a gravidade do erro.

E é por isso que hoje na França, na Italia, na Hespanha e, já ha muito, na Belgica, se está desencadeando uma campanha vigorosa contra o velho sophisma do liberalismo em que se affirmava que dar o voto com a mão na consciencia era confundir a Religião com a politica. Nunca, cumprir um dever nunca foi fazer uma confusão! Mas que o fosse! Essa tal confusão da religião com a politica, tal como a entendem os adeptos do liberalismo, deu-se atravez de toda a nossa historia.

Foi essa confusão que nos levou á conquista da Terra-Patria. A ella devemos a consolidação da nossa nacionalidade.

Foi ainda ella que nos impelliu para « mares nunca d'antes navegados ».

E mais recentemente, a quando das invasões francesas, ainda foi essa tal confusão que conseguiu desatar os traiçoeiros laços com que a maçonaria manietou a Patria, para a entregar enermemente e acorrentada ás hostes de Junot.

Emquanto essa confusão se fez, a Igreja era em Portugal uma poderosa força organisada como nenhuma outra no sentido da manutenção pacifica da paz, da ordem e dos bons costumes.

A Igreja era altamente respeitada. O clero era alguém n'este

paiz. E tudo isto porque os catholicos portuguezes constituiam uma força, por mais nada.

A Patria era prospera e rica, porque Religião e Patria eram dois symbolos angustos, tão unidos, tão chegados que quasi se confundiam.

Eram a Cruz e a espada fundidas no mesmo ferro!

Eram o cruz e a vela recortadas no mesmo pano!

Eram o arnez e o borel recobrando o mesmo peito!

O amor de Deus e o amor da Patria unidos no mesmo coração!

Disse.

PACHECO D'AMORIM,

Doutor em Mathematica pela Universidade de Coimbra.

Parcival e Parcifal

(Continuado de pag. 239)

Como se vê, a lenda tão bem como o romance de Wolfram, serve de véo a uma doutrina.

A isto visa o *Parcifal*, de Wagner, mas, apesar dos seus pontos de analogia externa, nem as doutrinas nem os romances são semelhantes. Como a *Divina Comedia*, o *Parcival* de Wolfram é a historia d'uma alma. Não temamos ver um verdadeiro pensador no velho Minnesaenger, porque elle exerceu uma bella e alta philosophia n'esta epopeia da fé que se oppõe ao *Fausto*, a epopeia do scepticismo. Assim, cem annos annos antes de Dante, um rude guerreiro da Tranconia, que não sabia ler nem escrever, tivéra a ideia de tirar, das velhas lendas e romances de cavallaria, uma significação elevada e um ensino fecundo que os romances francezes, menos sérios mas mais agradaveis, lhes não davam. « Eu não teria por atilado, assegura Wolfram, aquelle que não visse as as solidas lições que esta narrativa encerra ».

O velho cavalleiro, que não é tão austero como se poderia crer, faz do seu heroe a mais perfeita expressão do espirito caval-

leiresco. Atravéz das aventuras que se desenrolam nos seus vinte e quatro mil versos, conta-nos as ascensões moraes d'alma no meio das faltas e das provações. A unidade que não existe na composição encontra-se no espirito da obra. Para que não haja duvidas, o poeta adverte os seus leitores do character do poema e do thema que vae desenvolver:

« Quando a duvida nasceu n'uma alma, torna-se para este em fonte de amarguras. » Traçando esta lueta do bem e do mal cantará « as altivas fidelidades, a sublime virtude d'uma mulher, a coragem viril d'um homem que, firme como o aço, e aconselhado pelo nobre instincto do seu coração, sustenta o combate sem desanimo e conquista a sabedoria e a felicidade n'um unico amor. » Certamente, na epocha de Tristão e Isolda era preciso ter coragem para afirmar que o amor conjugal era o unico digno d'um perfeito cavalleiro.

Para crear uma obra prima só faltou a Wolfram o estylo e a forma. Não tinha passado pela disciplina das escolas. Já dissemos que nem ler sabia. Estava reduzido a dictar os seus poemas e parece impossivel como é que chegou a compôr obras de tão larga e rija envergadura.

Mas é tempo de juntar á lenda do Graal o resumo do romance de *Parcival*, comparando-o com o *drama sagrado* de Wagner.

Gamuret, filho d'um rei de Anjou, foi correr longinquoas aventuras. Encontrou no Oriente uma rainha do paiz dos mouros, que lhe deu um filho; mas, porque a sua união não tinha sido abençoada por um sacerdote, volta ao occidente onde despósa, em legitimas nupcias, Herzeloïde¹, filha do rei do Graal, Titurel. Em breve, porém o espirito aventureiro de Gamuret arrasta-o para as regiões orientaes. É morto deante de Bagdad. Quinze dias depois de ter recebida a noticia da sua morte, Herzeloïde deu á luz Parcival. Temendo que o filho tivesse herdado o character aventureiro do pae, retira-se com elle para a floresta de Soltane acompanhada sómente de alguns criados, aos quaes prohibe, sob pena dos mais duros castigos, que á criança fалlem de guerra ou de cavallaria.

Parcival cresceu n'uma absoluta ignorancia do mundo, mas a mãe ensinou-lhe a rezar a Deus. Torna-se um bello adolescente,

¹ Herzeleide, adoptado por Wagner e que quer dizer «dôr de coração»

habil na caça aos veados com a ajuda de frechas e arcos que fabrica por suas mãos.

Tem um coração tão terno que chora a bom chorar quando vê matar aves cuja voz o encantou.

Herzeloïde crê-o em segurança, mas um dia Parcival encontra, n'um atalho da floresta, cavalleiros vestidos de brilhantes armaduras que perseguem um malfeitor. Mudo de admiração, o joven cahe de joelhos deante do commandante, julgando ver Deus. Os cavalleiros explicam-lhe, rindo, o que é a cavallaria e dizem-lhe que, se quer ser igual a elles, vá para a côrte do rei Arthur.

Parcival já só pensa em partir. A mãe, não podendo impedir-o, recommenda-lhe que siga sempre os caminhos claros e direitos e que evite atalhos tortuosos e sombrios. Aconselha-lhe que guarde as conveniencias e os puros costumes e que ouça de boa vontade os avisos dos velhos, mas acrescenta que, quando possa, tome atrevidamente ás damas o annel e um beijo. Isto lhe trará felicidade. Ora, se os codigos da cortezia prescreviam ás damas que não fossem muito rigorosas, prohibiam tambem aos paladinos que tomassem pela violencia o menor favor, e viu-se na côrte de Arthur, um cavalleiro condemnado a comer com os cães durante quatro semanas por ter faltado gravemente ao respeito a uma donzella.

Herzeloïde esperava que, seguindo o seu ultimo conselho, Parcival se envolveria em qualquer desagradavel aventura que o fazia voltar para casa. Imaginou, além d'isto vestir-lhe o habito d'um louco e dar-lhe uma pessima montada. Assim equipado, Parcival partiu. Não sabe como se chama, porque a mãe só o tratava por «caro filho, lindo filho, filhinho». Sabe apenas que é filho de rei. Herzeloïde, depois que elle se poz a caminho, seguiu-o emquanto pôde correr e quando deixou de o avistar cahiu morta na estrada. O egoismo do joven heroe matára a mãe. É a primeira falta de Parcival.

Em breve a impetuosidade e a irreflexão da sua idade fazem-lhe commetter outras. Sem pensar no mal e unicamente para seguir o conselho de sua mãe, rouba, á primeira dama que encontra, uma joia e um beijo, despertando os ciumes do marido que a fez passar por longos soffrimentos.

Chegado á côrte de Arthur, Parcival vê que lhe falta uma

armadura. Encorajado por uma palavra dita sem intenção, provoca a combate um cavalleiro que o não offendera. Este afasta-o desdenhosamente com o couto da lança, mas Parcival, enraivecido, mata-o e apodera-se das armas e do cavallo. É um dos seus parentes que elle acaba de matar. E ei-lo carregado já com três graves faltas. Comtudo mil coisas o absorvem para que elle possa reflectir, entrar em si mesmo, e a sua consciencia fica tranquilla e leve: Wolfram conhecia bem a juventude.

Parcival continúa o caminho. Recebe hospitalidade no castello d'um velho guerreiro chamado Gurnomans, cujos conselhos fazem d'elle um perfeito cavalleiro. O seu hospedeiro recommenda-lhe, entre outras coisas, que seja discreto no fallar e que não levante muitas questões. O mancebo retoma a vida errante. Livra a joven rainha de Bebripar, Condviramour, d'um pretendente que a quer desposar contra vontade d'ella e lhe tinha sitiado o castello. Parcival envia o vencido ao rei Arthur a apresentar-lhe as suas homenagens e Condviramour dá a sua mão ao seu gentil defensor. A terna e casta delicadeza de que Parcival rodeia a joven esposa é signal de que, d'oravante, elle se sabe dominar e é cavalleiro pela nobreza d'alma mais do que pelas armas e pela sciencia dos combates.

Comtudo não esquecer a mãe. Deixa a mulher e os dois filhos que ella lhe déra para ir procurar Herzeloide que julga viver ainda.

Quer tambem praticar acções brilhantes para conquistar gloria e d'ella fazer homenagens a Condviramour.

Uma tarde chega á beira d'um lago. Cavalleiros, com um ar triste, estão a pescar. Um d'elles, estendido n'uma barca, parece um rei pela riqueza dos vestidos. Parcival informa-se d'uma pousada. Indicam-lhe um castello na vizinha montanha.

Chega sem obstáculos, recebem-o principescamente, convidam-o para um banquete. O pescador que, na orla do lago, indicará a Parcival o caminho do castello, toma logar sobre um leito precioso e convida o estrangeiro a sentar-se junto d'elle. De repente apparece um escudeiro trazendo uma lança ensanguentada. Choram todos os assistentes e só cessam os gemidos quando o escudeiro sahe, depois de ter dado volta á sala.

Abre-se uma segunda porta e um cortejo de vinte e quatro donzellas vem collocar deante do rei candelabros de oiro, uma meza

de marfim com alguns objectos e uma escudella feita d'um só jachinto côr de purpura, tão brilhante como o sol. Outra donzella, vestida como uma rainha, fecha a virginal procissão. Traz um vaso cuja vista é sufficiente para fazer nascer a alegria nos corações.

Põe-se deante do rei e retira-se como as outras¹.

Começa então um festim tão variado como magnifico. Tudo o que desejam os cavalleiros, assentados a mais de cem mezas, encontra-se logo nas suas taças d'oiro e sobre os brancos pães que os escudeiros vão buscar ao vaso misterioso para os collocar deante dos convivas.² Os participantes do banquete do Geral não se alimentavam só com pão e vinho. Wolfram faz uma longa e saborosa enumeração do banquete, onde tem logar as carnes e a caça. Todas estas iguarias e bebidas escolhidas são um dom do Graal, e já vimos o que significa esta abundancia. Parcival bem queria que alguém lhe explicasse este mysterio, mas lembra-se dos conselhos de Gurnomans e, por prudencia, calla-se. O Graal ainda não lhe indicou o nome, porque não é digno. E eis que o seu hospedeiro lhe manda por um escudeiro uma espada riquissima. Diz-lhe tristemente que já não pôde fazer uso d'ella porque Deus puniu-o gravemente. Quando Parcival souber servir-se bem d'ella, será forte nos combates. É a espada da salvação que o rei do Graal lhe apresenta.

Esta dadiva e as palavras do seu hospedeiro deviam exercitar a curiosidade e a compaixão do joven. Comtudo, calla-se, sempre por esta prudencia que julga de bom merecimento. Aspira ainda e sómente a uma perfeição toda mundana, e não possui o amor que dá a fé e que faz considerar o proximo como nós mesmos, estendendo os hombros á sua cruz. A caridade de Parcival, se tivesse sabido pratical-a, teria curado o rei doente e conferir-lhe-ia a realza do Graal. Mas não é humilde, porque ignora todas as faltas que commetteu e julga-se sem mancha.

Por isso o vaso sagrado não o designa como seu escolhido.

Depois da refeição a companhia retira-se melancolicamente.

¹ Esta apparição da lança e do calix significa que o peccado causou a morte de Christo e que os sacramentos dão ao homem todos os bens sobrenaturaes que tenha perdido.

² Na idade-média não se usavam pratos. As iguarias eram postas sobre uma fatia de pão.

No leito sumptuoso onde passa a noite, Parcival tem sonhos terríveis.

Pela manhã, encontrou ao pé da cama os seus vestidos (tinham-lhe dado outros na vespera) e as suas duas espadas. Está deserto o castello. Fóra reina a solidão. O cavallo espera-o á porta e quando atravessa a ponte-levadiça uma voz, do alto das ameias, censura-lhe o mutismo e chama-lhe idiota.

Esta primeira parte do romance de Wolfram, que damos aqui a largos traços, forneceu a Wagner a materia do seu primeiro acto. Mas este simplificou-a consideravelmente. O drama de *Parcival* começa no episodio do lago que Wagner suprimiu e substituiu por uma clareira situada ao pé do castello Graal.

O cavalleiro Gurnemans que faz, em Wolfram, a educação moral e cavalleiresca do heroe, tornou-se aqui um velho escudeiro ao serviço de Amfortas, rei do Graal.

Em Wolfram, o vaso sagrado só designa Parcival para ser rei do Graal quando elle se torna digno. No drama de Wagner, é immediatamente indicado como o Salvador que deve chegar: o Puro do coração simples, o Sabio por compaixão.

Vê-se apparecer n'este primeiro acto uma creatura enigmatica, Kundry, inspirada a Wagner pela doutrina budhica da reencarnação das almas, e que, pelos seus estados catalepticos e hystericos, parece pertencer a uma casa de correção ou a um manicómio. Kundry desempenha em Wolfram, como vamos ver, um papel mais comprehensivel e mais logico. A historia do Graal é contada ao Parcival do decimo terceiro seculo por seu tio Trévizent.

E é assás bizarro que, no drama wagneriano, a aventura de Amfortas e os benefícios do Graal tenham a necessidade de serem explicados aos cavalleiros que fazem parte da santa milicia.

O magico Klingsor apparece, em Wolfram, no decurso d'um episodio consagrado a um outro heroe da Favola redonda, Gauvain. O seu papel é bem differente do de Klingsor de Wagner. Não foi elle quem feriu Amfortas; foi um rival que disputava a este ultimo os favores da duqueza Orgulhosa. E a ferida do rei não provém da santa Lança que nunca foi separada do Graal. O Parcival de Wolfram já é um perfeito cavalleiro quando chega ao castello do Graal. No drama de Wagner, chega directamente da floresta onde passou a infancia e não sabe d'onde vem nem para

onde vae. A unica educação que lhe dá Gurnemans é ensinar-lhe a compaixão pelos animaes (que já tinha, como vimos). A morte do cysne é-lhe exprobrada como « um assassinato » um crime medonho. Toda a historia de Gamuret e de Parcival é resumida em alguns versos contados por elle e por Kundry. As donzellas não desempenham papel algum no drama de Wagner, e o de Amfortas é um papel sacerdotal. A refeição tão abundante dos cavalleiros só consiste, aqui, em pão e vinho.

Vêremos depois qual a intenção de Wagner.

(*Continúa*).

R. A.

OS SEMINÁRIOS¹

IV

Resumo: *Alguns Presbyteros benemeritos pelos serviços á instrucção, em geral e á formação ecclesiastica, em especial; uma escola modelo na serra e o testemunho d'um illustre sacerdote.*

Na ardua tarefa das nossas investigações acerca da preparação para o sacerdocio no meado do seculo passado, encontramos os nomes de muitos Presbyteros benemeritos, cuja memoria merece ser archivada para gratidão das gerações. Nos processos de habilitação para ordens, vimos attestados de merito litterario passados por sacerdotes d'esta e d'outras dioceses e tomamos nota dos seus nomes. Escrevemos a amigos e até a desconhecidos, pedimos, pessoalmente, informações biographicas e assim conseguimos elementos para o que o leitor encontrará n'este artigo.

Se dermos alguma informação errada ou se ficar no esqueci-

¹ Continuado da pag. 465.

mento algum benemerito da instrucção, aqui estamos ao dispôr para qualquer emenda e novas noticias.

Padre Antonio Caetano Osorio Gondim nasceu, a 23 de fevereiro de 1801, na freguezia de Avintes, concelho de Gaya, sendo seus paes Antonio Pereira Osorio e D. Maria Victoria d'Azevedo Lima Gondim. Fez os estudos no seminario de S. Antonio do Porto e tomou presbytero em 25 de setembro de 1825. Acerrimo defensor das ideias constitucionaes, foi por este motivo mais ou menos perseguido desde 1823, chegando a ser desterrado para Traz-os-Montes e soffrendo muitas privações. Durante algum tempo esteve preso no convento de S. Antonio, sendo n'esta casa obrigado á leitura dos escriptos que defendiam a legitimidade de D. Miguel. Com a entrada de D. Pedro triumpharam os seus ideaes politicos e mudou por conseguinte a sua situação. Em 1833 foi apresentado e collado na freguezia de Pigeiros, do concelho da Feira e lá morreu a 5 de janeiro de 1874. Prestou relevantes serviços á instrucção e os seus conselhos eram considerados de muito valor. Leccionou os preparatorios da epocha: portuguez, francez, latim, logica e rethorica.

A varios estudantes da freguezia de Pigeiros e circumvisinhos ensinou as disciplinas theologicas-moral, dogmatica e sacramental. Alguns ordenaram-se com os simples attestados de frequencia passados pelo abbade Osorio, como consta dos respectivos processos e a sua auctoridade era justamente apreciada. Passava-se tudo isto desde 1840 a 1855, com pouca differença.

Até quasi á morte leccionou instrucção primaria.

Animava os paes dos estudantes para que lhes dessem uma qualquer carreira litteraria; ajudava-os com os seus serviços, protecção e conselho e, algumas vezes, até com subsidios pecuniarios. Taes são as impressões dignas de registo e que ainda correm na freguezia que pastoreou e nas visinhas.

Como orador distincto e ainda talvez mais pela sua dedicacão á causa constitucional, foi escolhido para fazer a oração funebre nas solemnes exequias, que, em 1835, se realisavam na real capella da Lapa pelo eterno descanso de D. Pedro IV, cujo coração tinha sido entregue á cidade do Porto, em 7 de fevereiro do referido anno. N'uma serie de regras oratorias escriptas pelo Rev. Osorio Gondim encontram-se as affirmações seguintes: « Collocado n'uma igreja e parochia d'onde nem o pão necessario posso

colher, necessito entregar-me constantemente a um ferrenho estudo para não descahir d'algum credito, que por esta arte (refere-se á rethorica) me parece ter adquirido. Não exhortarei alguém a que siga esta arte, porque ninguem até agora usou d'ella distinctamente, que não tivesse de sentir uma morte violenta ou, pelo menos, gravissimos desgostos; em nossos dias temos visto muitos exemplos d'esta cruel verdade entre os oradores, tanto politicos como religiosos. Pelo exercicio d'ella fui eu perseguido no tempo do snr. D. Miguel, porque no pulpito de Mosteirô, na Maia (e porque o caso muito o pedia), orei ou antes declamei contra o perjuro.» Isto escreveu, em 1837, o fallecido parochó e professor.

Collaborou em alguns jornaes da epocha.

D. Francisco da Piedade Silveira — viveu no Porto e leccionou, ao menos, theologia moral, porquanto em processos apparecem attestados do teor seguinte: «Attesto que F. se matriculou na minha aula de moral no principio do corrente anno lectivo, o qual tem frequentado sem faltas, provando a sua applicação com boas lições, que tem dado, pelo que é digno de louvor.»

O *abbade de Salvador de Gondim* e o *abbade de S. Pedro Fins*, *Antonio da Silva Pedrosa*, na Maia, leccionaram um grande numero de alumnos.

Padre Sertório Augusto Guedes de Carvalho — nasceu na casa do Carvalho, na freguezia de S. Simão de Gouvêa, no concelho de Amarante, em 1834. Ordenado de presbytero e collocado na escola de Varzea d'Ovelha, leccionou portuguez, francez e latim a varios alumnos, recebendo alguns em sua casa como internos. Em 1877 fundou em Amarante o *Internato infantil*.

Padre Simão Marques dos Santos e *Padre Rodrigo Tavares*. Aquelle da freguezia do Bunheiro e este da Murtosa leccionaram latim a um grande numero de estudantes e d'estes muitos seguiram o estado ecclesiastico.

Padre Antonio Gonçalo da Silva Barroqueiro, da Murtosa, leccionou moral por 1845.

João Antonio d'Oliveira e Silva, bacharel formado em theologia e egresso benedictino, leccionou em Avanca por 1849.

Padre Antonio Lopes Vinga, de Ovar, e *João Pacheco de Rezende*, abbade de Pedroso, leccionaram moral por 1848, bem como *Manoel d'Almeida Pinto* latim e latinidade, em Ovar.

Padre Manoel Coutinho. Natural de Mancelos, no concelho de

Amarante, ensinou latim, latinidade, philosophia, rhetorica e francez, chegando a ter cursos numerosos.

Antonio Teixeira. De Santa Christina de Figueiró, tambem do concelho de Amarante, ordenou-se com a formatura em theologia pela Universidade de Coimbra.

Por 1847 foi chamado para Alentem como professor dos filhos de Christovão Faria d'Almeida.

Leccionou latim, latinidade, philosophia e grego e muitos outros estudantes se aproveitaram dos seus serviços, regulando o curso por quarenta.

Foi parochó em Guimarães, onde continuou como professor, merecendo os maiores elogios.

Joaquim Manoel Tavares. Natural de S. Pedro de Castellões, Macieira de Cambra, onde nasceu em setembro de 1802. Foi professor muito distincto de instrucção primaria e prégador de nome, prestando relevantes serviços á instrucção. Era vulgarmente conhecido por « Padre-mestre de Cabril ».

Antonio Henriques Tavares. Tambem da freguezia de Castellões, onde nasceu em 1 de julho de 1792. Estudando em Aveiro, deu grandes provas de intelligencia, applicação e bom comportamento, sendo escolhido para fámulo do Bispo d'aquella cidade, conseguindo assim vencer as difficuldades que provinham da falta de recursos.

Tomou ordens de presbytero em 1816 ou 1817 e, em Aveiro, leccionou latim e philosophia. Em 1820 ou 1821 deu-se a vaga de professor official de latim em Cambra e o Padre Henriques Tavares foi nomeado para esse logar. Leccionou latim, philosophia e historia, tendo sempre a reputação de professor distincto. A sua escola foi frequentada por alumnos dos concelhos de Arouca, Feira, Cever, Azemeis e d'ella sahiram os fallecidos bispos da Guarda e Coimbra, muitos presbyteros, alguns dos quaes foram parochos exemplares, alguns bachareis, etc.

Este professor aposentou-se por 1855, mas continuou a dar lições particulares até 1860 e falleceu em 8 de fevereiro de 1865. Foi conhecido por « Padre-mestre de Cambra ».

Desde 1838 a 1862 apparecem como examinadores dos ordinandos os seguintes presbyteros, alguns dos quaes tambem leccionaram: Antonio Augusto de Ascensão e Sousa, Antonio José Pinto da Cunha, Antonio Peixoto Salgado, Antonio Pinheiro de Castro,

Antonio Roberto Jorge ¹, Antonio de Santa Rita Alvares Pereira, Antonio Xavier de Sousa Madureira, Balthazar Velloso de Sequeira ², Francisco Barbosa de Queiroz, D. Francisco da Piedade Silveira, Henrique de Sousa Barbosa, Innocencio José Antonio, João Anacleto Cardoso de Figueiredo, José Antonio da Silva, José de Santo Elias, José da Silva Maia, José Teixeira, José Vicente d'Oliveira, Luiz Moreira da Silva Maia, Manoel Antonio Pinheiro da Fonseca.

Escola na serra de Santo Antonio, no concelho de Porto de Moz

Esta escola modelo foi devida á iniciativa de dois egressos varatojanos que foram para Leiria depois da extincção das ordens religiosas. Chamavam-se Fr. Manoel e Fr. José da Conceição.

Aquelle era natural do Cartaxo e foi educado no Seminario de Santarem, onde deu provas de um grande talento acompanhadas tambem d'uma grande indisciplina intellectual e por isto sahio do seminario, sendo pelos companheiros reputado um atheu.

Mais tarde foi pedir abrigo ao convento do Varatojo, que, durante algum tempo lhe recusou a admissão. A graça de Deus tocou, porém, de tal modo o coração d'este joven que, perante as provas dadas e a sua insistencia pela admissão, abriram-se-lhe as portas do convento. No claustro houve-se por modo que adquiriu a melhor refutação e foi encarregado de missões importantes.

Missionando em Ferreira do Zezere, ahi teve conhecimento da extincção das ordens religiosas. Abandonou o habito de burel, vestiu-se de fato grosseiro, deixou crescer a barba e assim se dirigiu á sua terra natal. Sendo mal recebido pelos parentes e patricios, deixou o Cartaxo, e, ao saber que na serra de Santo Antonio vivia ainda um companheiro, para lá se dirigiu. Este recebeu-o de braços abertos e os povos da localidade exultaram com taes hospedes.

« A escola dos dois religiosos foi aberta pouco depois de 1834.

¹ Professor de dogma. Vid. pag. 279 d'esta Revista.

² Professor de moral. Vid. pag. 279 d'esta Revista.

Os primeiros alumnos foram os naturaes do logar e freguezia e não foram poucos, aos quaes se iam juntando outros das freguezias limitrophes e das de toda a redondeza. Quasi todos os estudantes seguiam a vida ecclesiastica. Foi correndo a noticia e fama, aliás muito boa, da escola dos fradinhos da serra, e, como era natural, augmentava de anno para anno a população dos estudantes, que accudiam até de muito longe e de muitas partes. E por outra via os fradinhos franqueavam as portas da sua escola a todos que a demandavam sem outra condição senão de se portarem bem e estudarem. De modo que, quando fui para a serra estudar latim, em outubro de 1854, eram setenta os estudantes d'aquella escola. E conheci lá condiscipulos e contemporaneos, além dos naturaes do bispado de Leiria, muitos de Lisboa, Evora, Coimbra, Guarda, etc., etc.

A escola continuou funcionando com maior ou menor frequencia de alumnos, sem interrupção por espaço de mais de trinta annos.

Ensinavam as seguintes disciplinas: latim, latinidade e canto, ao cuidado de Fr. José; logica, philosophia, dogma, moral, sacramental e historia ecclesiastica, ao cuidado de Fr. Manoel.

Sendo ministros o Conde de Thomar e Rodrigo da Fonseca Magalhães foram prohibidos de exercer o magisterio. Este facto, porém, só serviu para mostrar o apreço em que eram tidos os dois egressos; e José Anachoreta, de Santarem, pae de um alumno, indo a Lisboa, logo conseguiu nova licença para continuação da escola.

Os mestres eram de uma lhaneza, afabilidade, dedicação e interesse pelos discipulos como se fossem paes. Entre os discipulos e mestres havia uma communicação e trato como se constituissem todos uma familia. E no emtanto era grande o respeito que os estudantes guardavam a seus mestres e não menor o amor dos bemditos religiosos aos seus queridos discipulos. Quantos fructos de benção d'esta mutua e preciosa amizade e bemquerença não brotavam? Abençoada escola! Abençoados mestres! Felizes discipulos!

Os estudantes viviam espalhados por toda a povoação que era larga, mas de casas terreas e pobres e muito distanciadas umas

das outras. Não havia sino nem signal para chamar para as aulas e lá compareciam todos ás horas marcadas. Do mesmo modo não faltavam á missa, que deviam ouvir todos na capella publica do logar, celebrada por um dos frades, ordinariamente Fr. José.

Não obstante a fórma de hospedagem e o conjuncto de circumstancias pouco favoraveis á moralidade e aproveitamento dos estudantes, a verdade é que ambas estas coisas, tão apreciaveis e de tão alto valor, os bons fradinhos conseguiram dos seus discipulos. As graças de Deus, o cuidado e vigilancia dos mestres, a boa vontade e indole dos discipulos... tudo contribuia para a boa moralidade e aproveitamento escolar.

Havia um regulamento confeccionado pelos bemditos frades, como lei para dirigir aquella colonia de jovens, n'aquelle ermo da serra. Eram todos obrigados a possuir uma copia e a observar o que n'elle se preceituava.

Fr. José tinha nos patrões, em cujas casas se hospedavam os jovens, outros tantos auxiliares da moralidade, da applicação e do aproveitamento de todos. Assim acontecia que em cada casa morada por estudantes havia quem olhasse pelo seu comportamento e creio que nem os monitores nos seminarios, nem os prefeitos nos collegios desempenhavam mais cabalmente e com maior e melhor resultado o seu officio do que este corpo de vigias que Fr. José tinha na serra e cumpriam em obsequio dos estudantes...

Foi notavel a escola de S. Antonio pelo aproveitamento dos que a frequentavam. Para este effeito concorriam varias causas. A serra não possuia distrações que podessem desviar dos estudos. Não havia casas de reuniões onde os estudantes dissipassem o precioso e inestimavel tesoiro do tempo, tão necessario para o aproveitamento. Tinham aulas de manhã e de tarde e de duas horas cada uma, sem feriados, fóra os domingos, e as lições de tal modo grandes que os estudantes, se não fossem descarados e sem pejo, se viam na necessidade de estudar e estudar muito. As classés, os desafios, os decuriões... e o zelo infatigavel com que Fr. José attendia a tudo e a todos... eram taes que os alumnos não podiam deixar de fazer progressos extraordinarios. As aulas abriam em 4 de outubro e só fechavam em 13 de agosto. Não era vasta a instrucção que os admiraveis fradinhos da serra ministravam, nem o

podia ser, atentas as circumstancias do tempo, as necessidades da Igreja, e não haver ainda programma fixo de estudos. Mas o que ensinavam era solido, era acomodado, era bom e tão puro e orthodoxo, como se podia esperar d'aquelles homens de Deus, filhos de uma familia religiosa sumamente querida e amada da Igreja, e notavelmente benemerita da mesma Igreja e da sociedade. Abençoados mestres! venturosos discipulos, instruidos e educados por tão respeitaveis e santos varões!! Não posso recorda-los e a sua escola, sem viva saudade e gratidão.

Esta escola foi realmente admiravel, maravilhosa em numero e qualidade de vocações, principalmente para o estado ecclesiastico. Em primeiro lugar, cumpre ter presente o largo espaço de vida que a escola logrou; depois o grande numero de estudantes que a frequentavam e finalmente que a maior parte d'elles se destinavam ao estado ecclesiastico e d'esses muitissimos alcançavam realisar os seus desejos e anhelos, que o eram tambem das respectivas familias e dos benemeritos padres mestres. Não é possivel determinar o numero de jovens que sahiram d'aquella abençoada escola e que se ordenaram. No entretanto julgo não ser exagerado nem longe da verdade afirmar que os Padres Fr. Manoel e Fr. José com a sua escola, com o seu zelo pela causa da Igreja e amor da instrucção, com o seu trabalho de dezenas d'annos, sem o minimo interesse temporal, só com os olhos em Deus e no bem do proximo e sem dispendio nem d'um ceutil nem do Governo nem da Igreja, prepararam, instruíram e informaram muitos centenaes de sacerdotes. O Padre Luiz Prosperi, missionario estrangeiro, affirmou acerca do clero de Leiria, na maior parte sahido da escola da serra: *O clero de Leiria é o mais morigerado de todo o clero portuguez; o mais dedicado ao santo ministerio, o que trabalha mais na doutrinação do povo e o mais zeloso nas coisas do culto; o que apresenta mais limpeza e accio nas igrejas.*

Bem mostra com isto que foi educado pelos frades da serra de S. Antonio. Bem haja, Snr. Vice-Reitor do Seminario do Porto, por querer dar noticias d'estes padres. Quanto a mim, folguei de ter esta occasião inesperada de dar aqui testemunho publico da muita saudade e gratidão com que recorro a dita escola e bemditos Padres mestres. Peço desculpa de não poder apresentar obra mais perfeita e agradeço cordealmente ter-se lembrado de recorrer

a mim para fornecer-lhe estes dados. É mais extensa a noticia do que V. Rev. pedia e esperava, não é tanto, porém, quanto o pedia o coração agradecido. É que tendo sido embalado desde menino no amor das ordens religiosas e particularmente da ordem de S. Francisco, tão antiga, tão benemerita, tão veneranda e venerada por muitos titulos, especialmente por ser um viveiro de santidade, logrando por isso sempre grande estima, afeição e amor entre o povo christão — tive a boa sorte de experimentar pessoalmente na escola dos queridos e saudosos fradinhos a verdade do que em menino aprendera. Braga, 25 de julho de 1910. Padre Francisco Pereira Henriques d'Oliveira. »

N'este logar ficam os nomes d'esses benemeritos e oxalá que tenham imitadores. Estes exemplos mostram quanto póde a iniciativa particular e como póde fazer-se o recrutamento sacerdotal em tempo de perseguição e desorganisação. Não faltam na diocese do Porto e n'outras presbyteros intelligentes, cultos, zelosos e dispondo d'algumas horas. Porque motivo não imitam os exemplos citados, abrindo cursos diurnos ou nocturnos? Os discipulos apparecerão em numero maior ou menor. Mas, se estes forem muito pobres, não poderão os mestres encontrar auxilio em catholicos de boa vontade e no cofre destinado ao culto e clero e até na Bulla da Santa Cruzada?

São lembranças que ficam expostas á discussão e á critica dos competentes e dos que quizerem trabalhar e nada mais.

(*Continua*).

A. FERREIRA PINTO.

A Religião Catholica

e a sua influencia social

I

A Humanidade adeja em volta da Verdade nua e insophismavel, desde a origem do mundo. É que, quando Deus deu ao homem uma intelligencia e uma vontade superiores, restringiu-lhe tambem esses dons ao ambito limitado do finito, no qual o homem se debate, desde sempre e atravez de todas as civilisações, aspirando a conhecer essa Verdade que por todas as fórmas se occulta á sua certeza. Mas se o homem se deixasse conduzir dôcemente pela voz acariciadora, infinitamente suave, profundamente dominadora d'essa Verdade eterna, os maiores castigos, os mais temeratos cataclysmos não teriam amargurado a sua humilde e mesquinha existencia, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. Bastava que o Verbo revelado, que a tradiçção conservou atravez dos tempos, fosse para os primeiros homens e para os que se lhes seguiram, a estrella do norte gujadora, a fonte inexaurivel de todas as felicidades terrenas.

Mas não, a Verdade foi deturpada, o erro assentou arraiaes sobre a terra, o satanico espirito do mal invadiu o cerebro e o coração dos homens e a sciencia começou a invadir as barreiras que devia respeitar dignamente. A idolatria, o paganismo, o fetichismo, os impios, os atheus, os iconoclastas, appareceram. Appareceu o odio, a destruição de tudo o que era bello, de tudo o que era divinamente inspirado, como fios conductores em moral para a existencia da felicidade humana. Eis os effeitos do peccado original.

Muito depois do castigo tremendo do Diluvio, as praticas do codigo de Moysés divinamente inspirado, já não bastando para manter em respeito os odios revoltos, os sentimentos prevertidos, os costumes enxovalhados dos homens que Deus criára para dominadores da terra, esse Deus infinitamente adoravel quiz ainda

para bem do homem, pôr um dique á ruina fatal que se preparava como consequencia inevitavel dos erros que surgiam no campo religioso, que pelos seus confins tocava no campo philosophico em que Platão e seus sequazes, derramavam as sementes fecundas do polytheismo.

O Verbo Divino encarnou e veio á terra então, em Jesus Christo, fazendo uma admiravel revolução social, revelando de novo a Verdade, essa Verdade que mais vezes já tinha revelado ao homem. Mas d'esta vez, fez bem sentir a sua vontade, a sua sciencia infinita e o seu poder infinito, para que o homem não tivesse mais tarde que arrepender-se do não cumprimento dos seus deveres.

Ensinou o amor universal e sem limites, prestado ao amigo e ao inimigo, aos paes, ás nossas mulheres e aos nossos filhos, aos nossos parentes e a toda a humanidade em geral; ensinou o auxilio que sob o divino influxo da caridade devemos prestar ao homem, desde o berço até ao tumulo, na hora da doença ou da saude, na hora da miseria ou da riqueza; ensinou a não furtar, a não matar, a não desejar a mulher do proximo, ensinando assim a manter a segurança da instituição basilar da sociedade, a familia; e dizendo-lhe que não se aquilatasse das graças sobrenaturaes pelas graças naturaes que eram dadas ao homem, ensinou-lhe o julgamento que depois da morte do corpo, a alma teria de soffrer para entrar na vida eterna, ou para a sua eterna felicidade ou para o seu eterno castigo e ensinando enfim ao homem que devemos fazer aos outros aquillo que queremos que elles nos façam, estabeleceu a doutrina social mais formosa, mais capaz de produzir, á flux, exuberantissimas felicidades sociaes que jámais existiram sobre a terra.

E para mostrar a todos que Elle era o proprio Deus sob a fórma do Messias, cuja apparição tinha sido aos judeus revelada e que elles não quizeram acreditar como tal, tendo como castigo a destruição da sua Patria e a condemnação á vida eternamente errante, Elle deixou-se escarnecer, e dando o mais superiormente divino exemplo de humildade, e deixou-se crucificar e matar para ensinar os homens a sacrificarem-se uns pelos outros. E tão nitidamente acentuado foi o seu character divino, atravez da sua vida cheia de milagres e da sua incontestavel ressurreição em que só não acredita quem desconhece o poder divino de tudo capaz, e

que tão intenso fulgor produziram no coração de todos. Aquellas divinas gottas de sangue derramadas pela lança do algoz e que depois, rolando pelo calvario abaixo, se foram multiplicando em mil e mil gottas d'amor, que os apóstolos seguindo os exemplos admiraveis do seu divino Mestre, arrastaram a humanidade de um extremo ao outro da terra, a adoral-o fervorosamente como só se póde adorar a um Deus, produzindo um encadeado infindo de resistencias e sacrificios, desde as perseguições nas catacumbas de Roma e o esphacelamento das carnes dos crentes nos circos romanos, atravez de todas as luctas religiosas da Edade média e moderna, até ás perseguições sectarias dos tempos actuaes.

Effectivamente a Verdade tinha sido revelada mais uma vez; mas os homens desviados d'ella pelo espirito demoniaco do mal, continuaram a querer desconhecê-la e aos phariseus e aos here-siarcas, aos judeus e aos protestantes, aos budhistas e aos musulmanos, aos pagãos e aos polytheistas, sectarios de religiões hereticas e falsas, vieram juntar-se aquelles que no campo philosophico faziam os devaneios do seu espirito irrequieto e orgulhoso e os pantheistas como Spinoza, com a utopia ridicula, improvavel e illogica da sua religião natural e os theistas como Descartes, Aristoteles, Leibnitz, conduzindo os chamados philosophos ás locubrações dos pyrronicos, scepticos, cynicos, epicuristas e celeticos, fizeram dar os primeiros passos á incredulidade e ao atheismo.

E appareceram então Voltaire, Diderot, D'Alembert e Rousseau, fazendo galardão da sua irreverencia religiosa; e de Cesa-rius e Bossuet apregoaram a Verdade, e se Montalembert, Racine, Pascal, Pasteur, Paul Bourget, Dumas, Victor Hugo, Flamarion e tantos outros, se exforçaram por mostrar que o espirito dos maiores sabios está aberto ás revelações do verbo divino, não sendo a sciencia incompativel com a religião, os atheus e materialistas nas sciencias naturaes, de braço dado com os philosophos que se iam adornando com o titulo orgulhoso de positivistas, como Augusto Comte e antes d'elle Darwin, Stuart Mill e outros, negam por completo a Verdade ou ao menos deixam-se ficar n'uma meia negativa, tendo como pregoeiros, Durkheim, Mauss.

E a estes iconoclastas modernos, no campo philosophico e scientifico vêem juntar-se no campo economico, com Prudhon, Karl Marx e outros, os socialistas, os communistas, com Saint Saen, os syndicalistas e anarchistas; e toda a avalanche irrequieta

dos vaidosos intellectuaes, dos invejosos, dos interesseiros, dos vencidos da vida se levanta, unindo-se em associações secretas, do livre pensamento, da maçonaria, do anarchismo, tudo n'uma miscelanea ridicula, para, novos phariseus, impios e iconoclastas derubarem a Verdade revelada por Jesus Christo.

Andam todos em volta da Verdade, como lepidopteros de côres variadas adejando em volta da luz, mas arrastados pelo espirito do mal, obstinam-se uns conscientemente em não a vêr, outros não a vendo realmente, uns odiando por orgulho, interesse ou inveja, outros ainda por ignorancia absoluta, e a Igreja estabelecida divinamente por Jesus Christo continua resistindo heroicamente a todas as arremettidas dos impios e soffrendo embora os maiores sacrificios, vae vencendo successivamente todos os inimigos que sob aspectos novos, embora iguaes no fundo, lhe têm surgido sempre, de todos os tempos. De facto todos os seus inimigos são iguaes no fundo, quer se acobertem sob o manto de phariseus, hereticos, impios ou atheus de todas as épocas, quer se vangloriem com os nomes pomposos de polytheistas, theistas, pantheistas, scepticos, cynicos, ecleticos, positivistas ou positivo-sociologos, socialistas, syndicalistas e anarchistas, ou se reunam n'um amalgame repelente nas associações do livre pensamento; são todos iguaes no fundo, *nihil sub sole novi*, mas a Igreja vae-os vencendo successivamente a todos.

E é precisamente este phenomeno admiravel da invencibilidade que mostra á evidencia o character divino da Igreja; e esta invencibilidade manifesta e nunca desmentida atravez de seculos sem fim, intimamente ligada á sua união em face do evangelho, ao contrario do que cegamente affirmam os protestantes desde Matheim, fazendo da Igreja Catholica, a unica uniforme e universal, dá aos seus crentes, a segurança absoluta de que effectivamente estão senhores da Verdade, ao passo que os sectarios de outras religiões hereticas e falsas, vêem as suas religiões divididas e subdivididas sem cessar, em seitas e seitas, ou pelo menos acantonadas em regiões limitadas do globo, o que nos prova que não tendo na sua base, todas as indicações divinas das revelações successivas, não são effectivamente a representação da Verdade Divina, que só se encontra d'uma maneira real e completa na Religião Catholica, isto é, universal.

Mas se isto assim se mostra quando pensamos nas religiões,

mais frisante se torna o facto quando vamos aos systemas philosophicos e ás sciencias naturaes; e se na verdade a religião catholica não está em desaccordo com a philosophia, vindo provar a verdade d'esta em certos systemas, como o comprova a existencia da celebre theologia escolastica, o que é facto, é que com o pantheismo, meio caminho para o atheismo, mostra-se bem como é impossivel substituir a sciencia da religião, por essa sciencia humana que só vendo os effeitos e nunca as causas, ha de deixar fatalmente os seus cultivadores entregues á negação ou pelo menos á duvida dos que admittindo Deus, logo dispensam a sua intervenção nos actos d'esta vida.

Se a negação ou a duvida podem n'um philosopho ou n'um sabio, conciliar-se com uma moral utilitaria, é facto incontroverso que passadas para a massa ignorante da humanidade, hão-de produzir os mais funestos effeitos, substituindo a moral divina, intangivel e justiceira, por uma moral terrena, individualista, imperfeita como o proprio homem, variavel segundo os lugares da terra e os tempos, e que ha-de dar como consequencias, a preversão do character, a destruição da familia, como base fundamental da sociedade, a desordem, o roubo, o crime e tudo o mais que se costuma vêr nas sociedades anarchisadas pelo esquecimento da moral divina.

E tanto isto é verdade e estava na logica dos acontecimentos, que os philosophos mais conscientes, desde Platão, sempre se esforçaram por occultar as cogitações de seu espirito, á massa ignorante dos povos, afim de evitarem a sua fatal corrupção. Que diremos então, fallando do atheismo ligado ao materialismo de certa sciencia moderna, para dar combate a toda a noção de religiosidade, tendencia fatal e universal de todos os povos e particularmente á crença n'um Deus, creador de tudo o que existe na terra e no céu, com todos os seus mysterios e maravilhas, sem Elle de facto inexplicaveis, para não fallarmos já das doutrinas positivistas que admittindo Deus para logo d'elle prescindirem, só veem metade da verdade, e dos seus representantes da escola positivossociologica, legitimos continuadores dos scepticos, eceticos e outros philosophos dos tempos idos? Diremos que querer substituir uma sciencia simples, accessivel a toda a humanidade, baseada sobre as revelações incontestaveis, transmitidas pela tradicção e monumentos, dando á humanidade todos os recursos para a harmonia

da vida social, com a esperança suavizante da justiça absolutamente perfeita na vida eterna, por uma coisa que, sob o pomposo nome de sciencia, é sómente um amontoado de coisas mais absurdas e ridiculas. Desde essa mentira formidavel da creação, por transformações chímicas da materia no fundo dos mares de que nos fallam Haeckel e outros em profundo desaccordo com a absoluta impossibilidade da geração espontanea e da doutrina do transformismo de Darwin, cuja verdade de facto se não pôde provar, nem mesmo sob a mentira da identidade dos spermatozoides do homem e os dos macacos superiores, para já não fallarmos senão ao de leve na ridicula hypothese dos que supõem a vida proveniente de germens na terra cahidos d'outros mundos, sem se importarem de saber como a vida seria gerada n'esses outros mundos, — até á negação da alma que esses sabios não admittem, suppondo que ella é o funcionamento do cerebro, outra (monstruosidade pois não se pôde conceber como sem um Eu, sem uma alma independente, o cerebro possa começar a funcionar para transmittir as suas ordens a todo o organismo, visto que as cellulas do organismo se destroem sempre em toda a vida, no seu funcionamento, ao passo que a alma é sempre a mesma) ninguem pôde confundir o movimento com a vontade, com o pensamento, cujos característicos são por completo diversos dos do movimento e não nos venham dizer que talvez o pensamento seja uma qualidade nova ou uma propriedade desconhecida da materia, pois isso é um dogma ridiculo, nem nos venham dizer que a alma não existe porque ninguem ainda a encontrou nas autopsias, pois que então nós perguntaremos se alguém já lá tambem encontrou o saber, o amor e a honra, substituir a religião, por este amontoado de absurdos, é substituir a verdade simples, accessivel a toda a humanidade por um amontoado de que sómente a alguns sabios é dado admittir.

Que vantagens dimanam de tal substituição? Nenhumas, afóra a satisfação do orgulho de algumas dezenas de vaidosos, ornamentados com o pomposo nome de grandes sabios, mas no fundo uns grandes ridiculos que barafustando contra os dogmas divinos, inventam doutrinas mil vezes mais absurdas que nem ao menos o soccorro da tradição hóbree e mil vezes secular, têm a confimar-las. E ousam esses atheus rir-se superiormente das crenças religiosas?! Atheus, nós vos diremos: os vossas afirmações tam-

bem nos fazem rir muito, vós sois ridiculamente vaidosos, grotescamente ridiculos, e só uma gargalhada carnavalesca desfechada sem compaixão na vossa face cynica, póde castigar o vosso soberbo ridiculo. E tanto mais temos esse direito, quanto é certo que da substituição da religião pelos dogmas scientificos, resultam para as sociedades, consequencias funestissimas, como a desappareição da verdadeira moral, o augmento da criminalidade, do roubo, o apachismo, a miseria, e emfim a anarchia em toda a sua plenitude.

Mas que!? Esses homens prégando a negação de Deus, de Christo como Deus, da sua doutrina d'amor, de respeito pela auctoridade e de ordem, fomentam a desordem, dão base ás ideias igualitarias dos syndicalistas e anarchistas; e como o grande inimigo, para elles, é Deus, elles combinam-se secretamente para a lucta, de tudo se servindo menos dos meios legais. As associações secretas, do livre pensamento, do anarchismo, da maçonaria, ligadas abertamente com os pagãos, com os judeus, com os protestantes, sem duvida os mais culpados na origem e incremento do atheismo moderno, a partir de Luthero que por interesse interpretou como lhe conveio o Evangelho, casando-se com uma religiosa e dando ainda satisfação a alguns chefes d'Estado que se queriam libertar do poder de Roma, organisando igrejas nacionaes de que seriam os chefes supremos, ligadas ainda com os philosophos mais ou menos anti-religiosos e emfim com tudo o que é inimigo da Egreja Catholica, eil-as de lança em riste contra ella, fazendo que a Historia se repita, *nihil sub sole novi*, renovando os ataques religiosos das seitas, que em todos os tempos, mais ou menos violentamente se têm realisado, com nomes novos é certo, mas no fundo sendo sempre representadas as mesmas variedades dos hereticos, descrentes e atheus que sempre existiram n'esta vida, que é uma crystallisação absoluta, só havendo mudanças de nomes em todas as manifestações da actividade.

E que resultou sempre d'esses ataques? O mesmo que agora resulta: um phenomeno verdadeiramente espantoso e unico, a invencibilidade da Egreja, seja quaes forem a violencia e os attentados contra os seus bens materiaes e espirituaes. E isto que prova? O seu character essencialmente divino que a põe a coberto de todos os ataques, os mais monstruosos. Pois bem, felizes d'aquelles que se sentem possuidores da Verdade e esses são os catholicos; desgraçados d'aquelles que andam affastados d'ella. E ninguem se

entristeça ou alegre porque os ímpios sejam por vezes tão bem recompensados ou providos de graças naturaes, pois que o castigo lhes virá mais tarde, quando o arrependimento já de nada lhes servir.

ANTONIO DE CARVALHO,
Medico.

Leão XIII e a questão social

Os remedios para o mal social

Como promettemos damos hoje a tradução de um capitulo do livro que o Padre A. Castelein acaba de publicar, obra notabilissima sob o ponto de vista doutrinal.

Depois de ter dicto como o Santo Padre julgou os abusos e os vicios accidentaes do nosso estado social e a que causas elle os fez remontar, considerêmos os *remedios* que elle preconizou.

Acima de tudo, proclamou o Pontifice que a Salvação deve vir do *regresso ás crenças, ás praticas* e costumes *christãos*, bem como de *uma abundante effusão* de caridade. Por esta declaração que domina a sua immortal encyclica, Leão XIII confirmou e completou a obra dos seus precededores.

Perseguindo todos os erros que arruinam as crenças e os costumes christãos, tanto na ordem publica como na ordem privada, Gregorio XVI e Pio IX, fizeram tambem obra social.

Leão XIII continuou assim a mesma missão, perseguindo com tanta segurança d'informação como de logica, nas suas multiplices applicações á questão operaria, as consequencias do indifferentismo religioso, da corrupção publica dos costumes, do individualismo revolucionario e do rompimento official entre a Igreja e o Estado.

Falso é pois, pretender que Leão XIII pedisse ao Estado officialmente neutro um concurso preponderante, e que elle nos houvesse obrigado a entregar-lhe as chaves da ordem economica.

Quaesquer que sejam, com effeito, os abusos que o Santo Padre assignalou no nosso actual regimen, certo é que em parte e tempo alguns, elle declarou que este regime considerado nas relações dos patrões christãos com os seus operarios, está acima de uma sociedade onde a revelação christã não penetrou.

Sendo assim, em toda a parte onde um poder civil rompeu os seus laços de ligação e de subordinação com a Igreja e a doutrina revelada, esse poder não teria titulo algum que o auctorisasse a erguer outros abusos, além d'aquelles que o direito natural condemna.

Qual é pois o ensinamento da Encyclica sobre a missão do Estado na reforma social?

O Santo Padre não foi de modo nenhum um intervencionista *à priori*, — longe d'isso. Primeiramente, pede ao Estado, do qual elle reclama uma parte de intervenção, que offereça garantias seguras e duradoiras: quer que elle corresponda aos ensinamentos divinos taes como o Papa os expoz na sua encyclica sobre a constituição christã das sociedades, *Immortale Dei*. Evidentemente não é o Estado neutro que, em geral, responde a estes ensinamentos e poderia fornecer estas garantias reclamadas pelo Soberano Pontifice. Devemos sêr prudentes e receosos a tal respeito.

Em seguida, o Papa encerra a missão confiada ao Estado, ainda ao Estado christão no todo ou em parte, entre os limites que afastam todo o perigo de despotismo politico ou economico. « As leis, diz elle, nada devem empregar *para além do necessario a reprimir os abusos e afastar os perigos.* » « Justo é, acrescenta elle ainda, que um e outro (o individuo e a familia) tenham a faculdade de agir com liberdade *emquanto não lesarem o bem geral e não cometam nenhuma injustiça (sine cujusquam injuria).* »

Emfim para justificar uma lei prohibitiva na ordem economica, o Santo Padre apenas exige « que haja lesão no bem commum e no interesse geral ou *perigo eminente* de um semelhante abuso »; põe duas outras condições, a saber, « que *seja impossivel remediar e obviar a estes males de outro modo*, e que a lei prohibitiva, ferindo o abuso, não ultrapasse estes limites, indo attingir e lesar direitos e interesses legitimos.

O Santo Padre traça estes limites mesmo ao Estado christão, e por isso elle é naturalmente opposto e contrário a qualquer invasão

dos poderes publicos. Não é portanto, o Papa, quem nos convida a favorecer as usurpações d'um Estado constituído fóra da revelação e dos ensinamentos christãos¹.

Sob estas reservas e n'estes limites, o Soberano Pontifice péde ao Estado antes de tudo, o seu *concurso de ordem geral* que consiste na completa economia das leis e das instituições, para que d'esta economia dimanem, espontaneamente e sem esforço, a prosperidade tanto publica como privada. « É proprio das sabias leis, diz elle, e de uma administração vigilante, o favorecer tudo o que faz prospera uma nação, isto é, a probidade dos costumes e a fidelidade aos deveres de familia, a pratica da religião e o respeito da justiça, uma imposição moderada e uma repartição equitativa das riquezas publicas, o progresso do commercio, da industria e da agricultura, todas as coisas que á medida que se elevam, engrandecem tambem a vida e a felicidade das classes da sociedade. » E que immenso progresso não resta ainda aos Estados modernos, para cumprirem e realisarem este programma!

O Santo Padre reclama egualmente uma especial vigilancia sobre as classes laboriosas. « A equidade exige, diz elle, que o Estado se preocupe com os trabalhadores e proceda de tal maneira que todos os bens que da sociedade elles demandem, lhes caiba uma parte conveniente, e possam viver a custo de menos castigos e provações ». — « É mesmo do interesse geral que homens, que são o principio de bens indispensaveis á sociedade, não se vejam continuamente em lucta com todos os horrores da miseria (*omnibus modis miseros*). » Em seguida, o Santo Padre enumera, entre muitos casos de legitima intervenção, aquelles que mais particularmente nos interessam: — o perigo que correm nas fabricas a moralidade e a religião dos operarios, o caso de os patrões não distinguirem entre o homem e a machina, e esmagarem os trabalhadores sob o peso de iniquos fardos, ou deshonrarem n'elles, a pessoa

¹ O Santo Padre não diz: quando ha *simples ameaça*, como se escreve na tradução official; diz: «perigo eminente, *Si quid detrimenti allatum sit dum impendat*». Toda esta Encyclica é tão poderosa de pensamento e tão firmemente elaborada que se não deve permittir a alteração das expressões do Papa. Ora, a differença entre aquellas phrases é muito clara e profunda. A «simples ameaça» semelha um pouco os «processos de tendencia». E um pretexto á intervenção prematura e exagerada.

humana impondo condições indignas e degradantes para a sua saúde, sujeitando-os a um trabalho excessivo e incompatível com a sua idade e o seu sexo.

A intervenção das leis e da auctoridade publica é ainda legitima, diz o Pontifice, quando é necessaria para assegurar ao operario o direito á pratica da religião e ao repouso dominical; o direito das creanças e das mulheres não serem carregadas com trabalhos para que a sua idade e o seu sexo não foram creados.

Em semelhantes casos, o direito natural impõe a todo o Governo honesto o direito de intervir, reprimindo os abusos constatados.

Emfim, fallando da questão tão complexa e tão delicada do justo salario, que deve de ser protegido contra os contractos injustos, o Papa diz com uma grande prudencia, « com receio de que n'estas circumstancias e em *outras analogas*, como no que respeita ao dia de trabalho e aos cuidados de saúde do operario nas minas, os poderes publicos não intervenham *inopportunamente*, visto sobretudo a variedade de circumstancias, de tempos e logares; que é preferivel que a solução d'estes problemas seja reservada ás Corporações e Sindicatos... , ou que a qualquer outro meio se recorra para salvaguardar os interesses dos operarios, até, *se necessario fôr*, com o soccorro e a protecção do Estado ».

Nada pois, n'esta determinação dos direitos e da missão d'um Estado christão, favorece o estadismo ou o socialismo do Estado. O Santissimo Padre desenvolveu os seus pontos de vista muito longamente e, todavia, não teve uma palavra para recommendar o *minimo legal dos salarios*, a *regulamentação official da produção e dos preços*, a *limitação nacional ou internacional da concorrência*, salvo a repressão dos abusos propriamente dictos, e o *derubamento do regimen economico actual*. Os intervencionistas à *outrance* e os reformadores radicaes devem vestir lucto...

Passemos aos ensinamentos tão claros e completos sobre o contracto do trabalho e sobre as relações que devem existir entre patrões e operarios. O Santo Padre expõe ahi a doutrina tradicional, pondo em impressionante relêvo as virtudes christãs que d'uma e d'outra parte devem assegurar a união e a harmonia das duas classes oppostas.

Proclamel'o aqui igualmente com nitidez e energia; pedindo

que o contracto de trabalho seja *livremente consentido* e que elle estipule um *justo* salario para um trabalho *correspondente ás forças do trabalhador*, o Soberano Pontifice deixa a este contracto o seu character de *ordem privada* e ao regimen fundado por elle, o seu character de *regimen patronal*¹.

Não podem appoiar-se na Encyclica *Rerum novarum* aquelles que querem transformar a golpes de leis ou de instituições ultra-democraticas, os salariados em socios e os proletarios em proprietarios. Não, o patrão não é obrigado a partilhar com os seus operarios a direcção, a propriedade e os beneficios da sua industria. Se o faz, é por livre vontade. Póde tractar os seus operarios como assalariados aos quaes não deve, por um trabalho em harmonia com as leis da hygiene e medida sobre as suas forças, senão o salario equitativamente offerecido e consentido, acompanhado dos deveres de humanidade e caridade que a tradição christã sempre recommendou aos patrões christãos.

Estes deveres de humanidade e caridade decidirão o patrão a descontar nos beneficios que recebem, uma parte equitativa em favor de instituições e de subvenções patronaes, que serão a providencia da familia operaria n'estas necessidades excepçionaes a que o justo salario não poderia fazer face.

(Continua).

A. CASTELEIN S. J.

Professor de philosophia moral
e direito social.

¹ O regimen patronal não constitue um typo uniforme. Offerece graus e variedades que se conciliam perfeitamente com o syndicalismo pacifico, isto é, com as uniões profissionaes, onde os direitos do operario na discussão e conclusão dos trabalhos, são eficazmente salvaguardados. Concedendo que o operario é igual ao patrão na discussão e conclusão do *contracto* do trabalho, nós affirmamos que elle é seu inferior na *direcção* do trabalho. Esta hierarchia justifica-se pela necessidade da disciplina e pelo direito que o industrial tem de gerir a exploração de que elle foi o creador, e na qual comprometteu os seus capitaes.

Chronica do movimento social

França. — Á falta de factos sociaes de maior importancia que mereçam especial referencia, daremos n'este numero uma breve noticia das obras sociaes catholicas da diocese de Versailles, que é incontestavelmente, entre as dioceses francezas, uma das que se encontra melhor organisada.

Versailles tem uma população de 817:000 almas, constituida na sua maior parte de agricultores. É, sob este ponto de vista, uma das primeiras dioceses da França. A sua organização religiosa deve-se á intelligencia e ao zêlo pastoral do grande bispo que é Mgr. Gibier. Este illustre prelado, cujos escriptos de apologetica e de acção social começam de ser conhecidos no meio catholico portuguez, comprehendeu as necessidades da população em meio da qual vivia, e deu-se todo a satisfazel-as. Tratando-se de uma população agricola, dedicou-se ás obras ruraes, procurando associar proprietarios e agricultores, unindo-os entre si segundo as profissões e rodeando-os de uma atmospheria de vida religiosa.

N'este proposito fundou ha tres annos (1911) a *União dos agricultores catholicos de Sena-e-Oise*, na qual se agrupam grandes proprietarios, agricultores, rendeiros e regentes agricolas. Com tres annos apenas, esta associação conta hoje a quarta parte dos agricultores do departamento.

Ao lado d'ella existem numerosos *syndicatos agricolas* para os pequenos e medios cultivadores. Em abril do anno corrente o numero d'estes syndicatos elevava-se a oitenta e sete, e muitos d'elles teem annexas mutualidades, caixas dotaes de credito, etc. As obras femininas merecem a Mgr. Gibier especial attenção.

Assim é que Versailles conta já hoje *nove circulos de rendeiras*, cantonaes ou intercantonaes, consoante as regiões, nos quaes se ministra ás mulheres do campo, ao lado da educação religiosa, a formação profissional.

Ultimamente Mgr. Gibier tem pensado em organizar o *ensino domestico agricola*, para as crianças na idade escolar, e para as

que, deixando a escola, começam os trabalhos da casa ou do campo.

Para este fim se prepara uma *escola domestica pensionato*, uma *escola domestica ambulante* e um *curso normal agricola* que funciona durante as ferias e se destina a formar as professoras livres.

Como corôa d'este conjuncto de obras agricolas, Mgr. Gibier annunciava em abril passado a fundação de um *officio agricola* em Versailles, cujas repartições serviriam de séde social ás obras já existentes.

Na séde do *officio agricola* se encontrarão: um serviço de consultas agricolas e ruraes; uma bibliotheca agricola; uma sala de leitura e de correspondencia; um pequeno laboratorio de sementes e de adubos e uma agencia de collocação agricola. Tal é, em resumo, a obra economico-social realisada por Mgr. Gibier na sua diocese de Versailles.

Para que se veja agora quaes o resultados de interesse geral catholico que esta organisação está destinada a produzir, convém recordar o que se passou no departamento de *Sena-e-Oise* por occasião das ultimas eleições de deputados, effectuadas, como é sabido, em 26 de abril passado.

Desde 1910 o circulo eleitoral de *Sena-e-Oise* era representado por dez deputados, seis d'elles radicaes de peor especie, entre os quaes o insultador de Joanna d'Arc, Thalamas.

Os tres restantes eram republicanos progressistas. Na eleição de abril o numero dos deputados a eleger subiu a doze. A eleição foi fortemente disputada. Os catholicos entraram corajosamente na lucta, triumphando os elementos da ordem. Thalamas foi corrido em toda a linha, apezar de protegido pelo governo; nenhum candidato socialista foi eleito. Vingaram cinco candidatos progressistas e os restantes dos mais moderados. Apenas a circumscripção de Mantes deixou de compartilhar d'esta victoria. Mgr. Gibier teve occasião de verificar praticamente o mesmo das suas obras ruraes.

Prouvera a Deus que o conhecimento d'estes factos estimulasse os bispos portuguezes. N'um paiz predominantemente agricola, não temos, vergonha é constatal-o!, obras ruraes catholicas, nem sabemos de nenhum bispo que a ellas consagre um pouco dos seus cuidados.



Uma vez que alludimos á ultima eleição de deputados que se realisou em França, não devemos occultar o facto da grande victoria alcançada pelos socialistas, sobretudo pelos socialistas unificados. Não houve deportamento onde as suas votações não augmentassem. O bloco socialista, de 1910 a 1914, augmentou em cerca de 400:000 eleitores. O augmento deu-se principalmente nas regiões industriaes do Norte e do Nordeste e nas regiões mais pobres do Centro.

Os catholicos, onde se não abstiveram, ou fizeram a politica do governo ou concorreram á urna desunidos. O resultado foi encontrarem-se na camara actual, feitas bem as contas, em situação inferior á que occupavam na camara precedente.

Se ao menos a lição lhes aproveitar para o futuro...

Allemanha. — Continua a despolação dos campos com o exodo para as cidades, a ponto de preoccupar seriamente os homens que têm responsabilidades no futuro do paiz. Já n'uma chronica anterior alludimos a este facto. Um inquerito recentemente feito em Berlim, mostra que o mal se agrava de dia para dia e que a situação tende a peorar.

Sob o ponto de vista dos interesses catholicos elle não póde deixar de ser objecto de sérias attenções. Só no anno de 1913 vieram procurar meios de vida em Berlim 50:000 catholicos, a maior parte d'elles trabalhadores ou operarios, alguns até com menos de quatorze annos.

O clero catholico comprehendeu o seu dever em face d'esta situação criada pelo exodo das populações ruraes. Não ha nenhuma cidade allemã onde não existam *circulos* de homens e de mulheres para receber os recém-vindos, facilitar-lhes a collocação, a entrada nos *ateliers*, e sobretudo para mantel-os na vida religiosa, preservando-os da corrupção e da impiedade.

Ha bastantes annos que em Portugal se dá um facto identico. A população dos campos accorre ás cidades.

O Porto e sobretudo Lisboa contam hoje uma população innumerosissima formada por trabalhadores, operarios, rapazes e raparigas das aldeias, que para lá foram procurar meios de vida.

Infelizmente o nosso clero nada fez para manter essa população nas suas praticas religiosas e para preserval-a da corrupção e da impiedade.

A maior parte dos nossos camponezes que passaram mais de um anno em Lisboa perderam completamente a fé e tornaram-se jacobinos. Entre elles recrutaram os agentes das lojas e dos centros revolucionarios muitos dos seus membros.

Poder-se-hia ter evitado este grande mal?

Sem duvida, se o clero catholico de Portugal pudesse comparar-se ao clero catholico da Allemanha. Infelizmente, fica-lhe muito abaixo, apesar de pertencer a uma nação que outr'ora mereceu o titulo de Fidelissima.

*
* * *

A politica de reformas sociaes, que a Allemanha vem emprehendendo ha annos a esta parte, sente-se impotente para resolver o problema do trabalho das mulheres nas fabricas, que as afasta da vida de familia. O governo abriu inquerito para determinar as causas que levam a maior parte das mulheres a procurar trabalho nas fabricas.

Do resultado d'esse inquerito conclue-se que as causas são diversas, predominando entre ellas a necessidade e a miseria. Muitas vezes a mulher vê-se obrigada a tomar o logar do marido doente, invalido, preguiçoso, ebrio ou miseravel. Outras vezes a mulher é victima de um marido sem fé, sem moral, sem consciencia, que abandona o lar, deserta da casa sem motivo, para ir, longe da familia, dar livre pasto aos seus maus instinctos e habitos de libertinagem. A lei é insufficiente para fazel-o entrar no caminho do dever. Ha sempre meio de escapar-lhe, e as pobres mulheres sentem pesar sobre si todos os encargos da familia. Acresce ainda a insufficientia dos salarios. Pódem os maridos ser bem comportados; mas nem sempre ganham um salario bastante para sustentar a mulher e os filhos. D'aqui a necessidade de uns e outros procurarem trabalho fóra de casa.

Reconheceu-se que é urgente e indispensavel reformar a legislação no sentido de proteger o trabalho das mulheres, especial-

mente das mulheres casadas, e mais especialmente ainda da mulher mãe durante os mezes que precedem e se seguem ao parto.

É possível melhorar a situação, mas não nos parece que se consiga dar ao problema uma solução completa.

Inglaterra. — Não obstante terem-se realisado ha já tres mezes, julgamos conveniente dar aos leitores d'esta chronica noticia de dois congressos que representam as principaes organizações socialistas na Inglaterra: o congresso do *Partido do trabalho independente* e do *Partido socialista inglez*.

No primeiro d'estes congressos celebrou-se a maioridade do partido, isto é, o 21.º anniversario da sua fundação.

Assistiram representantes em evidencia do socialismo belga, francez e allemão, taes como Camille Huysmans, Camelinat e Herman Muller.

Dos relatorios apresentados viu-se que o partido não tem feito grandes progressos e que a situação economica d'elle não é desafogada.

O numero dos adherentes é de 30:000, mas d'estes apenas 6:240 pagam as suas quotas.

Foi approvedo um projecto de afiliação á *Internacional socialista*, mas hesitou-se em que os deputados do partido juntassem ao nome de *trabalhistas* o de *socialistas*, não se tendo chegado a accordo a tal respeito.

Sobre a attitude parlamentar dos deputados levantaram-se vivas discussões. Uns censuravam-nos por se mostrarem alliados do partido liberal, outros defendiam a orientação por elles seguida.

São apenas sete os deputados que actualmente conta este partido. Das discussões levantadas conclue-se que existe uma scisão entre os dirigentes, inclinando-se uns para o liberalismo, outros para o socialismo.

O congresso do *Partido socialista inglez* reuniu em Londres. Como é costume em todos os congressos socialistas, disseram-se coisas terriveis contra o capitalismo e o militarismo. Um dos assumptos mais discutidos foi a organização interna do partido. A attitude politica do *Partido do trabalho* provocou asperas recriminações.

A orientação dominante na assembleia era de que a afiliação

a tal partido não podia acceitar-se, embora recommendada pelos que desejam vêr unidos n'uma só aggremação todos os socialistas inglezes.

Belgica. — Existe n'este paiz, governado ha trinta annos pelo partido catholico, uma grande cooperativa que tem por titulo — *O bom grão*. Na assembleia geral que ultimamente se effectuou o balanço apresentado pela gerencia, accusa importantissimos beneficios prestados aos socios. Áquella data a cooperativa contava 50:404 familias associadas e pagava uma pensão a 4:482 dos seus membros.

Italia. — Os empregados dos caminhos de ferro ameaçaram durante semanas seguidas o governo com uma grêve geral. Tal grêve, que representaria um enorme prejuizo para o Estado e para os particulares, não chegou a ser um facto, e quando mesmo fôsse declarada, não se tornaria geral.

Os ferro-viarios formam actualmente tres aggremações com orientação diversa: uma de caracter revolucionario, com a séde em Ancona, outra reformista, com a séde em Roma, e outra catholica, fundada nos ultimos annos.

A primeira conta 50:000 syndicados, a segunda 30:000 e a terceira 10:000.

O sindicato catholico começou ha poucos annos, quando o campo já estava tomado. Não obstante tem feito rapidos progressos.

Em Portugal é que até hoje ninguem tentou sequer uma aggremação catholica de ferro-viarios. Prefere-se deixal-os arrastar para as fileiras do syndicalismo revolucionario!

Hespanha. — Dos diversos trabalhos realizados n'este paiz apenas faremos ligeira referencia á grande reunião effectuada na côrte, com a assistencia de numerosos representantes das provincias, com o fim de organizar a obra de protecção á infancia e repressão da mendicidade. Foram apresentados duzentos trabalhos escriptos sobre o assumpto e tomaram parte nas discussões professores, medicos, sociologos, havidos como pessoas conhecedoras dos assumptos a versar. Das conclusões votadas aproveitar-se-ha o

governo para publicar as medidas necessarias á organisação de uma obra tão vasta e complexa.

Em Astorga celebrou-se a primeira assembleia da Federação dos Sindicatos Agricolas, tendo-se feito representar quarenta e sete syndicatos federados. Insistiu-se sobre a necessidade de manter n'estas obras o espirito christão, unico que póde sustental-as e dar-lhes vida.

Em Madrid, Bilbao, Valladolid e outras cidades hespanholas as aggremações catholicas existentes celebraram as suas assembleias annuaes, vendo-se pelos relatos fornecidos á imprensa que todas ellas proseguem com enthusiasmo na effectivação do seu programma social. São as provincias do Norte e de Leste as que possuem maior numero de obras e em estado mais florescente.

Nas duas Castellas tambem se formaram ha annos bastantes syndicatos agricolas e caixas ruraes. Cahiram, porém, nas mãos dos caciques politicos, perdendo por tal motivo grande parte da sua efficacia.

Portugal. — Fundou-se em Coimbra um *Circulo de estudos* annexo á Congregação das Filhas de Maria. Foi eleita a direcção, a que preside a ex.^{ma} snr.^a D. Maria de Lencastre, e effectuaram-se tres sessões de estudo como preparação dos trabalhos do proximo anno.

A *Liga d'acção social christã*, fundada em Lisboa pelo fallecido Padre Fernandes Sant'anna, publicou um relatorio dos seus trabalhos, que merece ser lido com attenção. D'elle se vê que a Liga não desapareceu e promete entrar em actividade, procurando estender a sua influencia a todo o paiz.

Oxalá vejamos realisadas as suas promessas.

A *Juventude Catholica de Lisboa* festejou o anniversario da sua fundação e o *Centro de Democracia Christã do Porto* entrou n'uma phase de actividade que muito honra a sua direcção.

Nos dias 30 de maio e 1 de junho realisou o *Circulo Academico de Estudos* de Vizeu a sua festa annual. Foi certamente a festa mais brilhante de todas as que se têm realisado nas aggremações da juventude catholica. Assistiram os snrs. Bispos de Vizeu, do Porto e de Sienne, e usaram da palavra, produzindo discursos magistraes, os snrs. Diogo Pacheco de Amorim, doutor em

mathematica e professor da Universidade, dr. Antonio d'Oliveira Salazar e dr. Gonçalves Cerejeira.

Em outras aggremações de juventude tem havido sessões de estudo e propaganda. Fóra, porém, dos annaes da mocidade ne-
nhumas obras de character social catholico temos a registar, a não ser o apparecimento da *Liberdade*, o magnifico diario catholico do Porto, que tanto era desejado, e cuja publicação é ainda devida ao esforço de rapazes que são hoje elementos dirigentes nas obras da Juventude.

J. D'ALMEIDA CORREIA,

Bacharel em Theologia.

CHRONICA DO MEZ

Monstrosinho gerado nos conciliabulos do Directorio, sob as vistas inquisitoriaes das commissões sem espirito de justiça, e falhas d'aquelle criterio de selecção, que mesmo nas democracias modernas assegura, d'um certo modo, o triumpho das competencias, elle foi na sua vida como na sua obra, a incoherencia atrabiliaria e desordenada, a negação systematica dos principios juridicos que deviam presidir *ab initio*, á remodelação de uma sociedade anarchisada pelo fermento de propagandas deleterias.

Estes vicios de origem reflectiram-se nos estigmas da sua acção negativa e destruidora, infiltrando-se no seu organismo rachitico como o caruncho e a humidade nos pardieiros abandonados.

Parlamento original que no seu escabujar agonico entremostra, raivoso, a ancia desesperada que o prende á vida e á isca!...

Este ultimo entrebuchar poderia ser a nobre contrição dos erros comettidos, dos desvarios praticados.

Puro engano. Só se regeneram, purificando-se no arrependimento os que não vivem ajoldados á tyrania intolerante das turbas sem capacidade para a comprehensão dos phenomenos politicos de tão vasta complexidade.

Não, elle morrerá impenitente, sem a benção das classes productoras nem os applausos da nação inteira. A todos affrontou sem reboço e offendeu com incrível impudor.

Com a sua retirada da scena só não ha-de folgar a *cóterie* dos amadores de escandalos que tiveram farta pastagem para a cubiça dos seus appetites de harpias esfaimadas.

A enormissima maioria terá para elle o lugubre cantochão das maldições.

Não soube viver, porque só viveu para a engorda dos cem escudos por mez e por cabeça; a morte linda é dos heroes, dos limpos de consciencia e de coração. Não saberá morrer, porque só morrem bem os que bem viveram.

Elle foi a desordem legal e o reflexo da desordem nacional. Quando a Historia fizer o balanço escrupuloso d'estes trez annos de parlamento gafado, curioso, inedito, os sociologos hão-de perguntar como foi possivel a continuação d'este equívoco, n'um paiz estuturalmente monarchico e de tradições parlamentares tão brilhantes!

Podem, aparentemente, falhar as leis sociologicas, mas na successão concatenada dos phenomenos, ellas affirmam a força da sua existencia com a precisão e o rigor das sciencias puras.

Falido parlamento este que não merece ser enterrado no chão sagrado da Patria, pelo mal que lhe fez em trez annos de formigueira orgia.

Dêem-no á chamma purificadora do fogo, que os vermes que lhe roessem a desconjuntada carcassa morreriam envenenados.

As cinzas para a sargeta, d'onde surgiram os esbirros da policia irregular, fauna criminosa que tripudia, irreverente e audaz, sobre um povo desgraçado e agonisante.

Não ha na vida nacional tumultos que d'ella não provenha, infamia a que não ande ligado o seu nome antipatico.

As revelações sensacionaes feitas por um *ex-formiga* sobre os crimes d'esse bando todo de malfeitores com os quaes o regimen se solidarizou, alarmou o paiz espantado de haver gente portugueza, nascida em Portugal, capaz de feitos taes.

Os acontecimentos do Porto a quando da viagem de Antonio José d'Almeida são da sua lavra, tem o signal, a marca das cilladas preparadas na treva das alfurjas, sob a promessa de uma impunidade que já não revolta nem indigna, porque só enjôa.

As arruaças, vaias e apupos ao idolo decahido da plebe ignara dos comicios escaldavam como brasas, doiam á entranhada crença politica d'aquelle homem demasiadamente ingenuo para politico, corajoso mas romantico impenitente. E então, quando a fera ululou mais perto e a aggressão estava eminente, Malva do Vale, tostado, escuro, tragico, tendo em pouco a sua vida para defender a do chefe, encara a multidão revoltada e dispara-lhe o seu revolver.

Emquanto Antonio José demora no Porto, o Porto parece em estado de guerra, como se elle viesse annunciar-lhe o entrepito de um ultimatum, como o que dirigiu ao conselheiro Mesuras por causa dos quarenta deputados e que fez as delicias da gargalhada nacional!

Á mesma hora, Lisboa, intranquila e revolucionaria, ia para o comicio de esbraseadas apostrophes á demagogia infrene do affonsismo turbulento.

Raras vezes no tablado dos comicios se terá sido tão violento. Ao sol, que tostava as carnes como um synapismo e esquentava os cerebros, a multidão applaudia e rejubilava.

D'ahi ao tumulto e ao conflicto ia um passo e esse passo galgou-se. A *Formiga* andou pelo pó do gato. Tremelicante, apavorada refluiu para os formigueiros — os que tiveram tempo — a pôr o costado no seguro.

Viu-se então que a sua ferocidade selvagem se dilue aos primeiros signaes de resistencia decidida.

No Porto triumphara a formiga porque ninguem lhe resistira; em Lisboa, vexada e corrida, apanhou para o seu tabaco. No Porto, pela noite velha assaltava-se a « Liberdade » o novo mas incisivo e vivo jornal catholico; em Lisboa, o « Mundo » que sempre defendera a legitimidade dos assaltos aos jornaes monarchicos e catholicos ia soffrendo identico ataque. Para este diario, órgão dos republicanos mais exaltados, o *povo soberano* passou a ser a *plebe ignara e bebeda*.

Tem d'estes escolhos e d'estas flutuações a politica de aguas turvas que se não inspira no bem estar dos povos, mas se queda em saracoteados requebros, á pascacisse do Zé Povinho e se amolda aos interesses dos conventiculos.

Essa nunca foi nem será a dos catholicos que agora voltam os olhos para Lourdes, onde, a estas horas, milhares e milhares de

peçoas assistem, no Congresso Ecclesiastico, á discussão de altos problemas doutrinaes e mysticos.

Mas é lá possível essa manifestação de vitalidade fecunda e fé intensa, quando se prophetizou a morte do catholicismo em praso curto?

Lá reune-se o Congresso para a cohesão, disciplina e harmonia das forças catholicas. Cá reune-se o Congresso para determinar o expoente eleiçoero de cada nucleo e dar ao paiz, antes que o panno desça, o tumultuario espectáculo d'este ultimo e estertoroso estrebuchar.

Morre mal sem ter sabido viver, porque só viveu para se agarrar ao esqueleto carcomido da governação publica, como as ostras no casco dos navios...

JOÃO DE CASTRO,
Advogado.

Revista das revistas ¹

La Critique du Libéralisme, n.º 139, 15, julho, 1914.

SUMMARIO: *L. Musy*. — Le sens catholique; *Un docteur en théologie*. — Royauté Sociale de Jésus dans la Eucharistie; *J. Chaplain* — A propos des conférences de M. Pierre Lasserre (sâr Ernest Renan); *J. Rambaud*. — « L'idée revolutionnaire et les utopies modernes », selon le P. Tamisier.

Informations et documents.

La Reforme Sociale, bulletin de la Société d'économie Sociale, fondée par Le Play.

SUMMARIO: Traz o texto dos discursos proferidos na sessão

¹ Por havermos só agora começado a permutar com os nossos collegas estrangeiros, não temos aberto, como desejavamos, ha mais tempo, esta secção, na *Lusitania*. Não podemos dar n'este número o *compte rendu* completo dos principaes artigos, mas fal'o-hemos nos números subsequentes.

d'abertura da sociedade, por *Paulo Nourrison*, presidente da Sociedade d'Economia Social: *Alexandre Ribot*, da Academia franceza; *Conde de Clermont — Tonnerre*, secretario geral da União Central dos Syndicatos dos Agricultores de França.

Relata os assumptos tractados na secção pratica d'esta reunião.

Publica o *compte-rendu* da Assembleia Geral do Officio Central das Obras de Beneficencia, no qual é de justiça salientar o primoroso discurso de *Henri Bordeaux* sobre a *habitação da familia*.

Civiltá Cattolica, n.º 1538, 1914, vol. 3.

SUMMARIO: Pius P. P. x Motu Proprio pro Italia et insulis adiacentibus; Fasti ed avvisaglie recenti d'ell'anarchia, estudo interessantissimo sobre os ultimos acontecimentos revolucionarios das Marcas e da Campagna; Le Associazioni di fatto; Ascetica ignaziana ed esagerazioni del « Liturgismo »; Anime Sane; Rassegna artistica; Un apostolo di due continenti, monsignor Biffi; Bibliografia.

La Revue Antimaçonique, n.º 7 — 8, 4.º anno.

De todo o *summario* salientamos o artigo do Commandant d'Osia — *La politique et l'armée; le Home Rule et les officiers anglais*, artigo que deveria ser lido pelos officiaes do nosso exercito.

Études, tomo 139.º da collecção.

SUMMARIO: *Henry Auffroy*. — Le droit canon, son evolution et sa refonte actuelle; *Victor Poucel*, — Frédéric Mistral, le poète: Mireille et Calendal; *René de la Bégassière*, — L'éducation des jeunes filles catholiques; *Comte du Pléssis du Grenédan* — Une oeuvre posthume de Ferdinand Brunetière; *Léon Deshayes* — Causerie entomologique, les aleyrodes; *Jean Delattre* — Bulletin d'histoire moderne, la Réforme et les guerres de religion; *Louis de Mondadon* — Chronique des lettres, poètes d'hier et d'aujourd'hui; *Joseph Boubée* — Le mouvement religieux hors de France; Revue des Livres.

BIBLIOGRAPHIA

MARIOTTE, **Os meus cadernos**. — Está publicado o n.º 18, cujo summario é o seguinte:

Uma campanha de acção nacional. Destruição d'uma utopia, XII. Doutrina de morte. O mal do erro devorando as forças vivas da nação. O equivoco dos exploradores da ingenuidade conservadora do paiz. A idolatria da liberdade conduzindo á anarchia ou á tyrannia. A voz da consciencia individual productora da rebellião e da dissolução de caracteres. O cahos doutrinal da actual opposição monarchica portugueza. O dogma revolucionario da bondade natural do homem, principio basilar do supposto resurgimento nacional, promettido pelos liberaes moderados. Lições perdidas de grandes desastres. Completo desvio da unica regra de reforma que é procurar a verdade e confessal-a, succeda o que succeder. Chamando ás realidades do seculo XX o snr. conselheiro Luiz de Magalhães. A mentalidade liberal. O rancôr do liberal moderado é mais insidioso do que a furia do jacobino.

Esta interessante publicação semanal que se vende a 50 reis cada numero encontra-se á venda na nossa casa. Aos editores snrs. Almeida & Miranda, dos Poiaes de S. Bento, 135 — Lisboa, agradecemos o exemplar offerecido.

Cartilha Catholica

PELO

PADRE ADRIANO DE MATTOS

Contém Doutrina Christã e sua explicação, Methodo de assistir e ajudar á Missa, Via-Sacra, Rosario e outras devoções e Festas da Egreja.

2.^a EDIÇÃO, REVISTA E AUGMENTADA

Bom papel, excellentes gravuras, e bella encadernação em percalina. E' a edição mais completa e perfeita da *Cartilha de Doutrina Christã*.

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Preço 100 reis

Imitação de Christo

POR

Antonio Figueirinhas

VERSÃO, PONDERAÇÕES E METHODO DE MISSA

Obra approvada e prefaciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Bispo do Porto

Um volume de 703 paginas

PREÇO 300 REIS

Á VENDA NA

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO

ACABA DE APPARECER:

O PARAISO DO CHRISTÃO

PELO

Padre J. Lourenço de Mattos

Devocionario dedicado especialmente ás
jovens e ás senhoras.

É livro destinado a um grande successo,
porque versa com toda a proficiencia e espi-
rito religioso o dia, a semana, o mez e o
anno do christão.

*Approvado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto*

PREÇO 400 REIS

PEDIDOS Á

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO